

GAYRAUD S. WILMORE — JAMES H. CONE

TEOLOGIA NEGRA



Faculdade Luterana de Teologia



004813

261.8348 W716t Teologia negra

EDIÇÕES PAULINAS

I PARTE

FIM DE UMA ERA: DIREITOS CIVIS PARA O PODER NEGRO

INTRODUÇÃO

As igrejas negras normais, por mais exclusivas que possam parecer aos estranhos, estão geralmente localizadas no coração do gueto. Mesmo que as aparências indiquem o contrário, elas são instituições do gueto e são reconhecidas como tais por seus pastores e paroquianos, que podem morar em outras partes da cidade, e pelas pessoas que moram no bairro em que elas estão situadas. Durante a rebelião Watts em Los Angeles, quando uma gangue de uma localidade próxima pilhou as vizinhanças de uma igreja paroquial negra de prestígio, ameaçando destruí-la pelo fogo, os jovens valentões que moravam nas proximidades da igreja, a maioria dos quais nunca tinham entrado nela, protegeram o edifício. Disseram ao chefe dos desordeiros: "Por que vocês não vão incendiar as igrejas dos brancos? Esta igreja é nossa e vocês não vão tocar nela, entenderam?" Parece que entenderam. A igreja não sofreu o menor dano.

Os pastores negros e os paroquianos da igreja, mesmo que possam se queixar de assaltos a seus templos, de vidros quebrados nos estacionamentos, e de vandalismo, compreendem que suas igrejas pertencem à localidade na qual elas se encontram e não podem deixar de ser identificadas com o bem-estar ou com a miséria das massas pobres, com as quais muitos deles só têm um pequeno contato, talvez, aos domingos pela manhã. No caso dos batistas negros, dos metodistas africanos e das congregações pentecostais, mesmo aquelas que possuem uma forte orientação para os valores da classe média, alguns componentes desta massa são membros da Igreja — que se misturam com a maior boa vontade com médicos, advogados, professores, durante o serviço religioso ou nas suas ocupações diárias. Mesmo as congregações negras de denominações predominantemente brancas, a episcopal, a presbiteriana unida, a congregacional, a luterana, a católica, muitas vezes têm em seu seio um misto de classe média negra educada, que se mudou para longe da vizinhança e do contato das pessoas paupérrimas, cujos cortiços e minúsculos apartamentos estão à sombra do edifício da igreja. Em outras palavras, a Igreja Negra não se pode separar do gueto. Em última análise, o que quer que motive o gueto à paz ou à rebelião deve também motivar a Igreja Negra.

Esta é uma razão pela qual o clero negro que se reuniu em Har-lem em julho de 1966, durante um dos "prolongados e quentes verões"

de revolta e campanha de guerrilha, rompeu com a interpretação de Poder Negro do Dr. King, "como uma filosofia niilista originada da convicção de que o Negro não pode vencer".¹ Sob a direção de Ben-jamin F. Payton, então diretor executivo da Comissão de Religião e Raça do Conselho Nacional de Igrejas e de um pregador batista educado em Harvard, aceitaram a declaração do Poder Negro e tiraram dela uma análise teológica que preparou o terreno para o aparecimento da Teologia Negra.

Alguns membros mais jovens do clero negro se envolveram profundamente nas desordens civis deflagradas em todo o país, desde as rebeliões de Harlem e Rochester no verão de 1964, até as pilhagens, lançamentos de bombas e incêndios de Chicago em julho de 1966. Eles não perdoaram a violência e o comportamento criminoso de alguns populares, mas compreenderam as causas de tanta violência e foram envolvidos nela como líderes, cujo primeiro impulso era olhar pela segurança e bem-estar de seu povo. Reuniam-se secretamente com os líderes clandestinos, preparavam reivindicações para a imprensa, discutiam com os políticos, e burlavam a polícia e a guarda nacional, de modo que alguns do seu povo conseguiram sair das áreas que lhes eram vedadas.

Um pastor da igreja de Sion A.M.E. na área Bedford-Stuyvesant do Brookklyn escondeu dois garotos e seus galões de gasolina no porta-malas de seu carro e os conduziu através de um bloqueio policial, para impedir que eles fossem presos. Em Los Angeles, durante a sublevação de Watts, em 1965, pregadores negros formaram uma guarda armada de membros de sua congregação para rechaçar uma gangue branca de motociclistas que tentavam invadir a região, em represália pelo incêndio. Em Newark e Detroit o clero negro cooperou com os chefes clandestinos da rebelião seguindo métodos que os teriam tornado vulneráveis a instauração de processo, embora eles tentassem reprimir a violência e pôr suas igrejas em segurança, em abrigos e postos de alimentação para aqueles cujas casas tinham sido incendiadas.

Foi uma época de grande interiorização e ambivalência para a Igreja Negra em mais de 128 cidades. Movimentos que surgiram durante o período de 1963-1968.² Muitos ministros surpreenderam-se lendo Da-vid Walker, Franz Fanon, e Dietrich Bonhoeffer pela primeira vez, à procura de normas éticas para uma situação com a qual não estavam familiarizados, para dentro das quais tinham sido arrastados por cir-

1. Martin Luther King, Jr., *Where Do We Go from Here: Chaos or Community?* (Harper & Row, New York: 1967), p. 44.

2. Para uma análise pormenorizada das rebeliões urbanas, veja *Report of the National Advisory Commission on Civil Disorders* (New York: Bantam Books, 1968) pp. 35-200.

cunstâncias inexoráveis — ou teria sido pela mão de Deus? Qual é a responsabilidade das igrejas dos oprimidos, quando estes se revoltam? Quanto de verdade se deve dizer à polícia quando os membros da própria paróquia estão sujeitos à brutalidade policial e à prisão sumária? Qual deverá ser a posição cristã diante da violência contra a propriedade como uma tática de insurreição em face da extrema penúria e exploração pela estrutura do poder branco — prefeitura, bancos, proprietários, a polícia?

Estas interrogações e outras estavam no ar nos lugares em que os pregadores negros se reuniam diariamente para analisar a situação e planejar as suas estratégias. Todos eles sabiam que esta era a crise nacional mais séria, desde a Guerra Civil. Eles a enfrentaram com coragem e criatividade.

Quase todos os pastores sem exceção apoiaram o movimento de Dr. King de ação direta não-violenta. Mas no acesso da rebelião de 1967, muitos acreditavam que seguir King significava dar mais atenção ao amor aos inimigos do que fazer alguma coisa pêlos irmãos que sofriam. O povo estava cansado de esperar pelo Supremo Tribunal e pelo Congresso. A celebração e os festejos que acompanharam a passagem dos Direitos Civis de 1964 e da Lei do Direito do voto de 1965 não atingiram os habitantes do gueto que não tinham o preço de um jantar num restaurante em que não havia segregação racial, cujos filhos continuavam em escolas abandonadas, só para negros, doze anos depois da decisão de Brown, e que tinham medo de se inscrever e votar, temendo que seus nomes e endereços caíssem nas mãos de credores, investigadores de polícia ou do fisco.

O povo estava dizendo um "basta!" O sagrado direito de o povo americano derrubar um governo tirânico estava sendo exercido — sábia ou imprudentemente. A mola elástica da violência que tinha sido esticada até ao extremo pelo Poder Branco, estava voltando em nome do Poder Negro e voltava inelutavelmente com uma força igual à que lhe tinha sido aplicada inicialmente. Para muitos não foi dado à Igreja Negra assistir ao julgamento dos oprimidos e explorados, em cujo meio ela vivia e cumpria sua missão, por mais imprevidente e classista que esta missão possa ter sido no passado. Foi destino dos pregadores negros e de suas igrejas se elevarem ou caírem com as massas. Essas massas estavam feridas em seus sentimentos e estavam determinadas a dar um fim à miséria em que viviam, por qualquer meio possível. Estavam exigindo a imposição do poder — do poder coercivo — económico, político, até o mero poder físico, se necessário, e havia bastante justificativa em considerações teológicas e éticas que a Igreja Negra podia seguir. Seguindo-as, talvez, uma vez mais, ela poderia conquistar o direito de liderar.

A Declaração do Poder Negro da Conferência Nacional do Clero Negro é o primeiro documento que merece nossa atenção (Documento 1). Foi redigido por uma pequena comissão chefiada pelo Dr. Pay-ton, assinado por alguns dos ministros negros mais influentes nos Estados Unidos, e publicado como uma advertência de página inteira no dia 31 de julho de 1966, numa edição do *New York Times*. Apresentamos aqui os signatários deste documento histórico para mostrar o apoio que ele recebeu de um amplo segmento da Igreja Negra em toda a nação. Apesar de seu tom integracionista, ressaltado por Vincent Harding numa apreciação crítica dos documentos da Conferência Nacional do Clero Negro,³ representa contudo o começo de uma reflexão por parte da Igreja Negra sobre a situação racial na América, independentemente dos teólogos e éticos, cujos escritos apresentavam o consenso liberal neo-ortodoxo sobre o problema da raça. Foi a bandeira em volta da qual, uma nova organização, a Conferência Nacional do Clero Negro, surgiu sob a presidência de Benjamin F. Payton. Esta organização, embora continuasse a reconhecer Martin Luther King, Jr., como o líder titular da revolução negra, procurou desafiar sua posição moderada, assimilacionista e aparente relutância em conceder que se tratava realmente de poder — mesmo entre os cristãos nascidos outra vez.

Embora as afirmações primárias defendidas pela Teologia Negra, como foram mais tarde desenvolvidas por James H. Cone, não tivessem extrapolado da Declaração do Poder Negro do Comitê Nacional do Clero Negro, este documento foi um momento decisivo na história do envolvimento da Igreja Negra no movimento dos direitos civis. Stokely Carmichael, o porta-voz principal do Poder Negro, citava livremente o documento, nas suas locuções em todo o país. Esta foi de fato a única defesa filosoficamente convincente do Poder Negro que saiu das rebeliões de 1963-1966. Ela estabeleceu as bases ideológicas e institucionais sobre as quais a Teologia Negra devia construir uma alternativa para as ideologias liberais e neo-ortodoxas da estrutura religiosa americana.

O Comitê Nacional do Clero Negro emitiu o seu segundo pronunciamento no dia 6 de novembro de 1966 (Documento 2), depois de um solene cortejo processional executado com paramentos completos, até a Estátua da Liberdade. Esta declaração foi publicada no *New York Times*, como outro anúncio de página inteira. Sua finalidade era chamar a atenção para o problema do racismo e do poder nas vésperas da eleição do Congresso ameaçada pelos candidatos reacionários brancos que procuravam explorar as desordens civis em Chicago, Cleve-

3. Vincent Harding, in *Renewal*, vol. X, Nº 7, outubro-novembro de 1970.

land e outras cidades do Norte, naquele ano. Uma terceira declaração, que não está inserida neste volume, foi publicada pelo Comitê Nacional do Clero Negro em 1966. Ela focalizava a exclusão do membro do Congresso Adam Clayton Powell da presidência do poderoso Comitê da Câmara do Trabalho e da Educação. A declaração, denominada "O Caso Powell — uma Crise de Moral e Fé", ressaltou "a precipitação e a aspereza" da ação do Congresso contra Powell, quando o Congresso se recusou a punir o Republicano Thomas Lane de Massachusetts depois de sua condenação largamente divulgada por sonegação de impostos. Com efeito, a declaração considerou a ação punitiva contra Powell por seus pecadilhos com relação às secretarias e contas de despesa um exemplo do uso cínico do Poder Branco em oposição às aspirações políticas dos negros. Foi para o Comitê Nacional do Clero Negro um repúdio do "poder" legítimo e necessário de uma minoria racial de participar plena e efetivamente das decisões políticas e econômicas que afetam o destino de todos nós".

É justo juntar estes dois documentos do Comitê Nacional do Clero Negro a um artigo provocante escrito por Vincent Harding (Documento 3), que apareceu no *Christian Century*, de 4 de janeiro de 1967, e revelou algumas das considerações cristológicas radicais que os fanáticos negros estavam explorando com vistas ao Poder Negro. Harding, historiador menonita e diretor do Instituto do Mundo Negro em Atlanta, era um crítico penetrante do desenvolvimento primitivo do Comitê Nacional do Clero Negro e um teólogo leigo, cujos escritos causaram um profundo impacto naqueles que procuravam pensar teologicamente a respeito da significação do Poder Negro entre 1966 e 1969. Sua mais preciosa contribuição para a discussão foi um ensaio publicado um ano mais tarde,⁴ mas o artigo do *Christian Century* reproduzido nesta compilação foi uma das primeiras reflexões eruditas sobre a significação do Poder Negro no contexto da religião cristã.

Muitas das primeiras atividades da Conferência Nacional do Clero Negro se realizaram nas salas do comitê e nos salões de conferência do Conselho Nacional de Igrejas. Os elementos de uma nova perspectiva teológica para os representantes das denominações negras no Conselho Nacional de Igrejas eram formulados em confrontação com o clero branco nessas reuniões. Esta foi a razão para o documento intitulado "A Igreja e a Crise Urbana" (Documento 4). Sua significação histórica está em que ele foi promulgado na época da primeira divisão

4. Harding, "The Religion of Black Power", in *The Religious Situation*; 1968, Donald R. Cutler, ed. (Boston: Beacon Press, 1968), pp. 3-38. A leitura deste capítulo é essencial para se compreender as deficiências que muitos fanáticos negros encontraram na teologia de King e alguns dos motivos que Cone, Cleage, Eicheberger e outros deveriam esclarecer mais tarde.

aberta entre os líderes da Igreja Branca e os da Igreja Negra dentro de um órgão interdenominacional nacional. O Conselho Nacional de Igrejas forneceu o maior e o mais reconhecido fórum para os cristãos negros e brancos tratarem de suas diferenças e apresentarem à nação uma frente unida. Quando, no dia 7 de setembro de 1967, uma conferência nacional sobre problemas urbanos, patrocinada pelo Conselho Nacional de Igrejas explodiu em dois grupos fechados, um negro e um branco, ficou bem claro que as diferenças eram agudas e que tinha começado uma nova era de polarização. O preâmbulo de "A Igreja e a Crise Urbana" declarava:

"Descobrimos que, para sabermos a verdade sobre nós mesmos e nossa situação, com tanto sucesso acobertada por anos e anos de hipocrisia e dissimulação, tivemos de tomar uma decisão sem precedentes nas conferências ecumênicas sob a égide do Conselho Nacional. Tomamos a decisão de dividir a conferência num grupo fechado branco e num grupo fechado negro".

Realmente a decisão foi forçada pelo clero negro mais jovem que estava irritado e se sentia frustrado pelos compromissos necessários para o ecumenismo e a amizade inter-racial durante um dos anos mais tumultuados por agitações na história do país. O grupo *ad hoc* que se autodenominou Comitê Nacional do Clero Negro e emitiu a declaração do Poder Negro de 1966, estava bem representado na conferência de Washington a caminho da primeira reunião da organização permanente em Dalas, Texas.⁵ As tensões estavam acirradas. Alguns dos líderes negros estavam convencidos de que somente uma separação em salas diferentes justificaria o seu compromisso com o Poder Negro e forçaria os delegados brancos a tomar uma decisão sobre a legitimidade de tal posição dentro da cristandade americana.

Em determinado momento, depois de os grupos se terem retirado para conferências separadas, uma pequena delegação do grupo branco apareceu à porta da sala onde os negros estavam em reunião e pediu para entrar. Explicaram que nada tinham em comum com os outros brancos e se sentiam "solitários" e privados da amizade dos negros, cuja impaciência e veemência eles entendiam e das quais participavam. Foi um momento sumamente patético e de grande ansiedade. Com igual emoção e seriedade os eclesiásticos negros explicaram a sua posição. Tinha chegado o tempo, diziam eles, de uma separação pro-

5. Para conhecer a história inicial do Comitê Nacional do Clero Negro com uma breve descrição de suas diversas declarações públicas, veja Leon Watts, "The National Committee of Black Churchmen", *Christianity and Crisis*, ml. 30, N° 18 (Novembro de 1970), pp. 237-243. Também, meu livro *Black Religion and Black Radicalism* (Garden City, N.Y., Doubleday, 1972), pp. 262-306.

visória. Parte da liberdade que eles procuravam era uma liberdade que não devia estar condicionada pelos sentimentos dos irmãos brancos que necessitavam deles por causa de suas consciências ofendidas. Os brancos precisavam sentir a dor da separação à qual o juízo de Deus tinha submetido as igrejas. Somente assim, insistiam eles, seria possível aos dois grupos se reunirem no dia final da conferência e falar, com o mesmo ponto de vista, sobre a profundidade da crise racial na Igreja e na sociedade. Foi-lhes recusada a permissão de entrar e o grupo separado branco voltou para a sua sala de reunião.

O preâmbulo elaborado em conjunto, o qual foi composto por um comitê inter-racial, no dia 30 de setembro, foi seguido pelos textos de duas declarações separadas elucidadas pelos grupos. Este é um dos documentos mais importantes nesta parte porque ele indica claramente a direção na qual os chefes da Igreja Negra e os teólogos da mesma Igreja estavam seguindo, um ano depois que tinha sido desfraldada a bandeira do Poder Negro e porque ele mostra claramente o que foi esta bandeira, quando desfraldada no Conselho Nacional de Igrejas. A breve declaração do grupo branco mostra a influência do grupo separado, que prevaleceu sobre os seus colegas mais conservadores. Estes ficaram chocados e ofendidos pela exigência de separatismo negro, mas no final das contas, concordaram, ainda que com certa relutância, em endossá-la, "sabendo... que nossa obra separada com negros e brancos é nossa tarefa comum e trabalho conjunto".⁶

Um dos líderes intelectuais do movimento do Poder Negro e executivo da Igreja Episcopal em Newark, New Jersey, Dr. Nathan Wright Jr., ajudou a organizar a Conferência Nacional do Poder Negro. Presidiu à sua primeira reunião, realizada em Newark, enquanto o gueto negro da cidade ainda estava no rescaldo dos distúrbios de julho de 1967. Ele foi também um dos fundadores do Comitê Nacional do Clero Negro signatário da declaração que inicia a Parte I. Foi em virtude da insistência de Wright que a primeira conferência do Poder Negro incluiu um grupo de trabalho sobre "Religião Negra". Este grupo é que mostrou como se deve considerar o papel da religião na revolução, em conferências posteriores de militantes não-eclesiásticos. Inserimos aqui o seu ensaio: "O Poder Negro: uma Oportunidade Religiosa" (Documento 5) como um exemplo de como certos intelectuais religiosos negros responderam ao desafio do Poder Negro. Sua posição tende a uma visão mais clássica da religião cristã do que a de Vincent Harding. Mas Wright, com a perspectiva de um gueto do Norte, assumiu efetivamente

6. Manifestação semelhante se deu no Comitê Estudantil de Coordenação da Não-violência e outros grupos ativistas inter-raciais. Urgiram então com os brancos que voltassem para suas comunidades para combater contra o racismo na sua fonte.

uma posição mais ativista do que a de Harding, que, na época estava ensinando História no Spelman College, em Atlanta.

Este ensaio apareceu no livro de Wright *Black Power and Urban Unrest*⁷ (O Poder Negro e a Inquietação Urbana) e estava mais em conformidade com a disposição dos ministros das paróquias no Comité Nacional do Clero Negro. Ele mostra como um dos líderes-chave do movimento do Norte entendeu o Poder Negro em relação ao culto, vida comunitária e outros aspectos da vida cristã. Há também profundas ideias teológicas as quais Wright desenvolveu mais tarde em escritos posteriores. Por exemplo, a glorificação da cor negra reivindicando a dignidade dos aviltados e oprimidos. Glorificar, escreve ele, "é esclarecer, tornar claro, e sincero e puro".

"Toda a vida deve ser esclarecida neste sentido. Ela deve ser dada e vista na dimensão que a manifesta em termos de glória... Ver a vida como ela é realmente significa vê-la como Deus a vê, na sua dimensão eterna, na glória apropriada a seu envolvimento com a vida de Deus e nesta mesma vida divina".

O documento final apresentado nesta parte foi publicado pela Di-retoria do Comité Nacional do Clero Negro no dia 5 de abril de 1968, em Chicago. Esta declaração sobre "A Missão Urbana em Tempo de Crise" (Documento 6), que apareceu depois da convocação inaugural em Dalas, no outono anterior, é o primeiro ataque direto contra a Igreja Branca "da situação" e apela para os recursos das denominações brancas opulentas que patrocinaram o "trabalho urbano" no gueto. É, portanto, o precursor do Manifesto Negro da Conferência do Desenvolvimento Económico Negro e, suspeito eu, influenciou James Forman por meio de seu contacto com membros da Fundação Inter-religiosa para Organização Comunitária, a qual, por sua vez, era dominada pelos direto-res do Comité Nacional do Clero Negro que escreveram este pronunciamento. Ele insiste em que eclesiásticos brancos barganham seus recursos financeiros e materiais para serem usados pelos eclesiásticos negros na cidade. O Manifesto Negro disse a mesma coisa no ano seguinte numa linguagem mais candente. A declaração é também notável pelo fato de exigir renovação da vida eclesiástica negra em termos de herança cultural, prática litúrgica e interpretação teológica. Neste sentido, ela se antecipou a muitos conceitos da Teologia Negra, que foi além da politização e libertação para abraçar o nacionalismo cultural e reclamar a tradição religiosa negra.

Por mera coincidência, este documento foi redigido no dia 4 de abril de 1968 — dia em que o Dr. King foi assassinado. Um grande

7. Nathan Wright, Jr., *Black Power and Urban Unrest* (Hawthorn Books, New York: 1967).

manto de tristeza e de sombrio presságio baixou sobre a reunião da Diretoria em Chicago — a cena de sua desfavorável apresentação à se-cularidade irreverente e atrevida do gueto urbano do Norte. A reunião foi abruptamente protelada (O comité editorial datou a declaração como se tivesse sido redigida no dia seguinte) e os membros do comité tomaram táxis para o aeroporto O'Hare, meditando em silêncio sobre a significação de sua vida e sobre a maldade irremediável da conspiração racista, a qual, mesmo então, disto estávamos persuadidos, o tinha vitimado para sempre.

O rei do amor estava morto e com sua morte chegara ao fim uma era de ação social inter-racial da Igreja e da pureza teológica. Todos sabiam que a memória de seu compromisso e fidelidade jamais morreria na Igreja Negra. Mas para aqueles líderes eclesiásticos e teólogos que se retiravam de uma cidade prestes a explodir numa violência estranha e elegíaca, tinha de ser lançado um novo desafio à América. Este desafio devia ser mais condizente com a sensibilidade pragmática da experiência religiosa e com a maturidade teológica de uma população negra amadurecida e orgulhosa.

G.S.W.

O PODER NEGRO

Declaração do Comitê Nacional do Clero Negro de 31 de julho de 1966¹

Nós, um grupo informal do Clero Negro da América, estamos profundamente preocupados com a crise que desabou sobre o nosso país, causada por distorções históricas de importantes realidades humanas na controvérsia a respeito do "Poder Negro". O que estamos vendo transpor através de toda a retórica empregada não é nada de novo. Trata-se do mesmo velho problema de poder e raça que a nossa querida pátria enfrenta desde 1619.

Compreendemos que nem o termo "poder" nem a expressão "consciência cristã" são matérias fáceis de abordar, especialmente no contexto de relações raciais na América. A distorção fundamental que nos atinge na controvérsia sobre o "Poder Negro" se radica num flagrante desequilíbrio de poder e consciência entre os americanos negros e brancos. É esta distorção, principalmente, que é responsável pela suposição largamente difundida, embora frequentemente desarticulada, que a população branca tem justificativa para conseguir o que deseja através do uso do poder, mas que a população negra, ou por sua natureza ou por circunstâncias, deve conseguir o que deseja somente apelando para a consciência. Resultado desta suposição é que o poder dos brancos e a consciência dos negros estão corrompidos. O poder dos brancos está corrompido porque ele encontra pequena resistência verdadeira da parte dos negros para moderá-lo e impedir que os brancos macaqueiem Deus. A consciência dos negros está corrompida porque, não tendo poder para cumprir as exigências da consciência, a preocupação com a justiça se transforma numa forma distorcida de amor, que,

1. Esta Declaração foi publicada primeiramente in *New York Times*, 31 de julho de 1966. Naquela época a organização era conhecida como o Comitê Nacional do Clero Negro, com sede em Nova Iorque. É agora a Conferência Nacional do Clero Negro, sediada em Atlanta, Ga.

na ausência da justiça, se torna uma auto-rendição caótica. A ausência do poder gera uma raça de mendigos. Estamos agora diante de uma situação em que o poder sem consciência se encontra com a consciência sem poder, numa ameaça aos próprios alicerces da nação.

Por isso, sentimo-nos impelidos pela nossa consciência a nos dirigir a, pelo menos, quatro grupos de pessoas em áreas em que o esclarecimento da controvérsia é da mais urgente necessidade. Não temos a pretensão de dar a palavra final. Entretanto, esperamos transmitir de nossa própria consciência alguns significados de poder e certos elementos de consciência para ajudar a interpretar mais devidamente o dilema no qual estamos envolvidos.

I. Aos Governantes da América: Poder e Liberdade

É de vital importância que os governantes desta nação dêem também ouvidos a uma voz que proclama que a principal fonte de ameaça à nossa nação não se encontra nem nos distúrbios que surgem em nossas grandes cidades, nem nas divergências entre os líderes do movimento dos direitos civis, nem mesmo do mero fato de se elevarem vozes pedindo o "Poder Negro". Estes acontecimentos, cremos nós, são apenas a expressão do juízo de Deus contra nossa nação por ter deixado de usar seus abundantes recursos para servir ao bem-estar real do povo, dentro do país e fora dele.

Damos nosso apoio integral a todos os líderes dos direitos civis quando eles buscam finalidades basicamente americanas, porque não estamos convencidos de que o seu reforço mútuo no passado está destinado a terminar no futuro. Esperamos que o poder público de nosso país seja usado para fortalecer o movimento dos direitos civis e não para o manipular ou fraturar.

Deploramos a violência declarada dos distúrbios, mas acreditamos que é muito mais importante focalizar as fontes reais das erupções. Estas fontes podem ser incitadas dentro do gueto, mas suas causas básicas se acham na violência silenciosa e encoberta que a classe média branca da América inflige às vítimas da cidade interior. As decisões ocultas, brandas e muitas vezes risonhas dos governantes americanos que atam um laço branco de subúrbios em redor de seus pescoços e pregam o dorso das massas negras contra as paredes fumegantes do gueto — sem trabalho numa economia florescente; com sistemas educacionais arruinados e segregados, vendo claramente as leis que não são postas em prática contra tais abusos: numa palavra, o fracasso dos líderes americanos para usarem o poder americano a fim

de criarem igual oportunidade, tanto *na vida*, como *na lei* — este é o problema real, e não o grito de angústia pelo "Poder Negro".

Do ponto de vista da religião cristã, não há nada necessariamente mau na busca do poder. No coração da Reforma protestante encontra-se a convicção de que o poder, em última análise, pertence somente a Deus e que os homens se tornam inumanos ao extremo quando a concentração do poder leva à convicção — aberta ou veladamente — de que qualquer nação, raça ou organização podem rivalizar com Deus neste ponto. O problema da desigualdade de poder se apresenta candente nas relações entre negros e brancos, na América. Deste desequilíbrio nascem o desrespeito pela personalidade e comunidade negras e o desrespeito dos negros por si mesmos. Esta é uma raiz fundamental da injustiça humana na América. Em certo sentido, o conceito do "Poder Negro" nos lembra a necessidade e a possibilidade da autêntica democracia na América.

Não concordamos em absoluto com aqueles que afirmam que nós devemos deixar de expressar nossa preocupação com a aquisição do poder para não comprometermos as "aquisições" já conseguidas pelo movimento dos direitos civis. A verdade é que já houve substanciais "aquisições" desde cerca de 1950 nesta área. Aumentou constantemente a diferença entre a renda dos não-brancos com relação aos brancos. Desde a decisão do Supremo Tribunal em 1954, a segregação "de facto" em todas as cidades grandes de nosso país, em vez de diminuir, aumentou. Desde os meados dos anos cinquenta, o desemprego entre os negros, em lugar de baixar, subiu, enquanto que o desemprego na comunidade branca diminuiu.

Embora tenha havido algum progresso em algumas áreas no que se refere à igualdade para os Negros, este progresso foi limitado sobretudo aos negros de classe média, que representam apenas uma pequena minoria da comunidade negra.

Estes são os fatos indisputáveis que todos nós temos de enfrentar juntos. Por isso não devemos assumir uma posição que não possamos continuar a manter nos mesmos moldes antigos.

Quando os líderes americanos resolverem trabalhar pelo bem-estar real do povo em vez de trabalharem para a guerra e destruição; quando os líderes americanos forem forçados a reconstruir as prioridades de nossas cidades de acordo com a agenda do país; quando os líderes americanos forem forçados pelo povo americano a deixar de usar mal e abusarem do poder americano; então não se ouvirá mais o grito pelo "Poder Negro", porque a estrutura na qual funcionará todo o poder na América incluirá o poder e a experiência dos negros e dos brancos. Desse modo, o temor do poder de cada grupo deixará de existir. A América é a nossa pátria querida. Mas a América não é Deus. Somente

Deus pode fazer tudo. A América e todas as outras nações da Terra devem decidir que alternativas entre uma multidão delas devem ser escolhidas.

II. Ao Clero Branco:

Poder e Amor

Como negros que, há muito, fomos expulsos da igreja branca para criarmos e comandarmos o "Poder Negro", não podemos entender a qualidade emocional do clamor de alguns clérigos contra o uso do termo nos dias de hoje. Não é suficiente responder que a solução é a "integração". Com efeito é precisamente a natureza da execução do poder sob algumas formas de integração que é o objeto do desafio. A Igreja Negra foi criada como o resultado da recusa de submissão às indignidades de uma falsa espécie de "integração" na qual todo o poder estava nas mãos dos brancos. O que se exige é precisamente uma participação mais igual de poder, como condição prévia de uma autêntica interação humana. Entendemos a crescente exigência da juventude negra e branca, de uma espécie de integração mais honesta. Uma integração que aumente, em vez de diminuir, a capacidade dos deserdados da fortuna de participar do poder em todas as estruturas da nossa vida comum. Sem esta capacidade de *participar do poder* — isto é, sem ter alguma força política e econômica organizada para influenciar realmente as pessoas com as quais se entra em contato, a integração não tem significado. Porque não se trata de equilíbrio social, mas de interação racial honesta.

Para que se dê esta espécie de interação, todas as pessoas precisam de poder, quer sejam brancas, quer sejam negras. Consideramos como mera hipocrisia ou como uma ilusão cega e perigosa o ponto de vista que opõe amor a poder. O amor deverá ser um elemento controlador no poder, não o próprio poder. Enquanto os clérigos brancos continuarem a moralizar e a interpretar mal o amor cristão, a justiça continuará a ser subvertida neste país.

III. Aos Cidadãos Negros:

Poder e Justiça

Tanto o clamor angustiado pelo "Poder Negro" como a resposta emocional confusa a este clamor, podem ser entendidos, se toda a controvérsia for posta no contexto da história americana. Devemos entender especialmente a ironia envolvida no orgulho dos americanos que consideram sua habilidade de agir como indivíduos, por um lado, e a tendência que têm de agir como membros de grupos étnicos, por ou-

tro. Nas tensões desta parte de nossa história revelam-se tanto a tragédia quanto a esperança da redenção humana na América.

A América pediu a seus cidadãos negros que lutassem por uma oportunidade *como indivíduos*, enquanto que em certos momentos de nossa história, precisamos muito mais de oportunidade para todo o grupo, não exatamente para negros selecionados e aceitos. Assim em 1863, os escravos foram legalmente libertos, tornaram-se livres como indivíduos, mas a questão real a respeito do poder pessoal e do grupo para manter esta liberdade foi posta de lado. O poder naquele tempo para uma população eminentemente rural significava terra e utensílios para cultivá-la. Nas palavras de Thaddeus Stevens, o poder significava "40 acres e uma mula". Mas esse poder não era possível aos escravos, e vemos os resultados hoje no êxodo de camponeses sem terra das fazendas para as grandes cidades, para onde eles foram em busca sobretudo do poder de serem livres. E o que eles acham são as formalidades de uma liberdade legal que não é respeitada. Assim devemos perguntar: "Qual é a natureza do poder que procuramos e do qual precisamos hoje?" O poder hoje em dia é essencialmente um poder organizacional. Não se trata de uma coisa jogada na rua, pela qual temos de lutar. É uma coisa, a qual, até certo ponto, já pertence aos negros em relação com os grandes recursos desta nação.

Conseguir o poder implica necessariamente reconciliação. Nós devemos primeiro reconciliar-nos conosco para que possamos reconhecer os recursos que já temos e sobre os quais podemos construir. Devemos reconciliar-nos conosco como pessoas e conosco como um grupo histórico. Isto significa que devemos descobrir uma nova auto-imagem na qual possamos sentir um senso normal de orgulho, inclusive um orgulho da variedade das cores de nossa pele e da textura multiforme de nosso cabelo. Enquanto estivermos cheios de ódio para conosco, seremos incapazes de respeitar os outros.

Ao mesmo tempo, se nos preocupamos seriamente com o poder, então devemos construir sobre o poder que já possuímos. De certo modo, o "Poder Negro" já está presente na Igreja Negra, nas organizações estudantis masculinas e femininas, em nossas associações profissionais, e nas oportunidades oferecidas aos negros que têm poder de decisão em algumas das organizações integradas de nossa sociedade.

Entendemos as razões pelas quais estas formas limitadas do "Poder Negro" foram rejeitadas por algumas pessoas de nossa gente. Fre-quentissimamente a Igreja Negra afastou seus membros do reino de Deus *neste mundo* para uma visão distorcida e complacente de uma *concepção extra-terrena* do poder de Deus. Empenhamo-nos, como eclesiásticos, em tornar mais expressiva na vida de nossas instituições nossa convicção de que Jesus Cristo reina no "aqui" e no "agora", assim co-

mo no futuro que ele nos traz. Portanto, deveremos usar mais dos recursos de nossas igrejas, trabalhando pela justiça humana nos locais de mudanças e convulsões sociais, onde nosso Mestre já está agindo.

Ao mesmo tempo, devemos insistir que as organizações profissionais e sociais negras desempenhem novas funções no sentido de apresentarem o problema de igual oportunidade e gastem menos tempo em frivolidades, palavras ociosas e desperdício social.

Não devemos pedir desculpas por esta forma de poder de grupo, porque fomos oprimidos como grupo, não como indivíduos. Não descobriremos um meio de nos livrar desta opressão a não ser que nós e a América aceitemos a necessidade de negros americanos, assim como judeus, italianos, poloneses e dos protestantes brancos anglo-saxões, entre outros, terem e controlarem o poder do grupo.

Com efeito, se o poder é procurado como um mero fim em si mesmo, ele se volta contra aqueles que o procuram. Os negros necessitam do poder para participarem mais efetivamente em todos os níveis da vida de-nosso país. Alegramo-nos que nenhum daqueles líderes dos direitos civis que exigiram o "Poder Negro" tenha sugerido que ele significa uma nova forma de isolacionismo ou um esforço insensato de dominação. Mas devemos ser claros a respeito do porquê da necessidade que sentimos de uma reconciliação com a maioria branca. *Não é* porque somos somente um décimo da população da América, pois não precisamos que nos lembrem do poder terrível exercido pelos noventa por cento da maioria. Vemos e sentimos esse poder cada dia nas destruições que se acumulavam sobre nossas famílias e sobre as cidades do país. Não precisamos de ser ameaçados por declarações tão frias e cruéis. Com efeito, somos homens, não crianças, e estamos deixando de ter medo desse poder, que dificilmente nos poderá ferir no futuro, como não pode no presente nem pôde no passado. Além disso, esses números escassos ocultam a força potencial política, que é a nossa, se nos organizamos devidamente nas grandes cidades e estabelecemos alianças efetivas. Tampouco devemos basear nossa preocupação de reconciliação com nossos irmãos brancos no temor de, se não conseguirmos esta reconciliação, sermos prejudicados nas conquistas já obtidas pelo movimento dos direitos civis. Se estas conquistas são de fato reais, elas apoiarão as reivindicações de nosso povo de poder e justiça, não apenas para alguns negros escolhidos aqui e ali, para a totalidade de nossos cidadãos. Devemos antes basear nosso interesse de reconciliação na convicção firme de que nós e todos os outros americanos *somos* um. Nossa história e destino estão indissolúvelmente unidos. Se o futuro deve pertencer a alguns de nós, ele deve ser preparado para todos, qualquer que seja nossa estrutura racial ou religiosa.

Porque, em última análise, somos *peessoas*, e o poder de todos os grupos deve ser exercido para tornar visível nossa humanidade comum.

O futuro da América não pertencerá nem a brancos nem a negros, a não ser que todos os americanos trabalhem juntos na tarefa de reconstruir nossas cidades. Devemos organizar-nos não somente entre nós mesmos mas com os outros grupos a fim de que possamos juntos conquistar poder suficiente para modificar o sentido que a nação deve ter do que é importante *agora* e do que deve ser feito *agora*. Devemos trabalhar com o restante do país no sentido de organizar cidades inteiras para a tarefa de realizar a prioridade de nossas cidades na utilização de nossos recursos. Isto é mais importante do que saber quem chega à Lua primeiro, ou a guerra do Vietnã.

Para realizarmos esta tarefa, não podemos gastar nossas energias em explosões espásticas ou insensatas sem finalidades significativas. Devemos passar da política da filantropia para a política do desenvolvimento metropolitano, por igualdade de oportunidade. Devemos relacionar todos os grupos da cidade unindo-os de uma maneira nova para que a verdade de nossas cidades possa ficar manifesta, a fim de que, juntos, possamos exigir os grandes recursos de nossa nação para tornar a verdade mais humana.

IV. Aos "Mass Media": Poder e Verdade

A capacidade ou incapacidade de todas as pessoas da América de entenderem as convulsões de nossos dias dependem grandemente da maneira como o poder e a verdade agem nas massas. Durante as demonstrações do sul pelos direitos civis, vocês homens da indústria da comunicação prestaram um serviço incalculável a todo país revelando com toda a clareza a todos os ouvidos e a todos os olhos, a verdade vergonhosa de um sistema brutalizante de discriminação e segregação abertas. Muitos de vocês foram espancados e feridos, e precisaram de coragem para se manterem firmes na tarefa empreendida. Vocês eram instrumentos de mudança e não somente fornecedores de fatos desconexos. Vocês puderam fazer isto à força de coragem pessoal e em razão do poder das agências de notícias nacionais que apoiaram vocês.

Agora, porém, a tarefa de vocês e a nossa estão mais difíceis. A verdade que precisa ser revelada hoje não é tão precisa em seus contornos, nem existe um consenso nacional que ajude vocês a formar relevantes pontos de vista. Por isso, nada é mais importante agora do que vocês procurarem grande variedade de fontes de verdade a fim de que as perspectivas limitadas de todos nós possam ser corrigidas. Exa-

lamente como vocês se relacionaram com diversos tipos de pessoas no Mississippi em vez de contarem somente com os apontamentos da polícia e com os números fornecidos por agências oficiais, vocês devem agora agir assim em Nova Iorque, Chicago e Cleveland.

O poder para apoiar vocês neste esforço *existe* em nosso país. Só que ele deve ser procurado diligentemente. Desejamos utilizar nossa influência limitada para ajudar a pôr vocês em contato com grande variedade de experiência na comunidade negra de modo que controvérsias limitadas não sejam aumentadas e transformadas na verdade final acerca de nós. A sorte deste país depende, e em grande parte, de como vocês interpretam a crise que desabou sobre nós, de modo que a verdade humana seja manifesta e as necessidades humanas sejam satisfeitas.

Signatários:

Dom John D. Bright, Sr., Igreja Episcopal Metodista Africana, Primeiro Distrito Episcopal, Filadélfia, Pennsylvania.

Rev. John Briant, Conselho de Igrejas de Connecticut, Hartford, John M. Burgess, Bispo Sufragâneo de Connecticut, Igreja Episcopal, Boston, Massachusetts.

Rev. W. Sterling Cary, Igreja Congregacional da Graça, Nova Iorque, Nova Iorque.

Rev. Charles E. Cobb, Igreja de São João (Igreja Unida de Cristo — UCC) Springfield, Massachusetts.

Rev. César D. Coleman, Igreja Episcopal Metodista Cristã, Mênfis, Tennessee.

Rev. Joseph C. Coles, Igreja Cristã Episcopal Metodista Institucional Williams, Nova Iorque, Nova Iorque.

Rev. George A. Crawley, Jr., Igreja Batista de São Paulo, Baltimore, Maryland.

Rev. O. Herbert Edwards, Igreja Batista da Trindade, Baltimore, Maryland.

Rev. Bryant George, Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos, Nova Iorque, Nova Iorque.

Dom Charles F. Golden, Igreja Metodista, Nashville, Tennessee.

Rev. Quinland R. Gordon, Igreja Episcopal, Nova Iorque, Nova Iorque.

Rev. James Hargett, Igreja da Solidariedade Cristã, Igreja Unida de Cristo, Los Angeles, Califórnia.

Rev. Edier Hawkins, Igreja Presbiteriana de Santo Agostinho, Nova Iorque, Nova Iorque.

Rev. Reginald Hawkins, Igreja Presbiteriana Unida, Charlotte, Carolina do Norte.
 Dra. Ana Arnold Hedgeman, Comissão de Religião e Raça, Conselho Nacional de Igrejas,
 Nova Iorque, Nova Iorque.
 Rev. R. E. Hodd, Gary, Indiana.
 Rev. H. R. Hughes, Igreja Episcopal Metodista Africana de Bethel, Nova Iorque, Nova Iorque.
 Rev. Kenneth Hughes, Igreja Episcopal de São Bartolomeu, Cambridge, Massachusetts.
 Rev. Donald G. Jacobs, Igreja Episcopal Metodista africana de São Tiago, Cleveland, Ohio.
 Rev. J. L. Joiner, Igreja Episcopal Metodista Africana de Emanuel, Nova Iorque, Nova Iorque.
 Rev. Arthur A. Jones, Igreja Episcopal Metodista Africana Metropolitana, Filadélfia,
 Pennsylvania.
 Rev. Staniy King, Igreja Batista Sabbathini, Minneapolis, Minnesota.
 Rev. Eari Wesley Lawson, Igreja Batista de Emanuel, Malden, Massachusetts.
 Rev. David Licorish, Igreja Batista Abissínia, Nova Iorque, Nova Iorque.
 Rev. Arthur B. Mack, Igreja Episcopal Metodista Africana de Sião de São Tomé, Haverstraw,
 Nova Iorque.
 Rev. James W. Mack, Igreja Unida de Cristo do Sul, Chicago, Ulinois.
 Rev. O. Clay Maxwell, Jr., Conferência dos Ministros Batistas da Cidade de Nova Iorque e
 Arredores, Nova Iorque, Nova Iorque.
 Rev. leon Modest, Igreja Episcopal, Nova Iorque, Nova Iorque.
 Dom Noab W. Moore, Jr., Igreja Metodista, Area Sul, Houston, Texas.
 Rev. David Nickerson, Sociedade Episcopal para Unidade Cultural e Racial, Atlanta, Geórgia.
 Rev. LeRoy Patrick, Igreja Presbiteriana Unida de Bethesba, Pittsburgh, Pennsylvania.
 Rev. Benjamin F. Payton, Comissão de Religião e Raça, Conselho Nacional de Igrejas, Nova
 Iorque, Nova Iorque.
 Rev. Isaías P. Pogue, Igreja Presbiteriana de São Marcos, Cleveland, Ohio.
 Rev. Sandy F. Ray, Convenção Estadual Batista do Império, Brookiyn, Nova Iorque.
 Dom Herbet B. Shaw, Bispo Presidente, Terceiro Distrito Episcopal, Igreja Episcopal
 Metodista Africana de Sião, Wilmington, Caroli-na do Norte.
 Rev. Stephen P. Spottswood, Comissão de Raça e Relações Culturais, Conselho das Igrejas de
 Detroit, Detroit, Michigan,

Rev. Henry A. Stines, Igreja da Reparação, Washington, D. C.
Dom James S. Thomas, Bispo Residente, Área de Iowa. Igreja Metodista, Dês Moines, Iowa.
Rev. V. Simpson Turner, Igreja Batista do Monte Carmelo, Brooklyn, Nova Iorque.
Rev. Edgar Ward, Igreja Presbiteriana da Graça, Chicago, Uilinois.
Rev. Paul M. Washington, Igreja do Advogado, Filadélfia, Pennsylvania.
Rev. Frank L. Williams, Igreja Metodista, Baltimore, Maryland.
Rev. John W. Williams, Igreja Batista de Santo Estêvão, Kansas City, Missouri.
Rev. Gayraud Wilmore, Igreja Presbiteriana Unida U.S.A., Nova Iorque, Nova Iorque.
Rev. M. L. Wilson, Igreja Batista da Aliança, Nova Iorque, Nova Iorque.
*Rev. Robert H. Wilson, Secretário Correspondente, Convenção Batista Nacional da América,
Dálias, Texas.*
Rev. Natham Wright, Diocese Episcopal de Newark, Newark, Nova Jérsei.

**RACISMO E AS ELEIÇÕES:
O DILEMA AMERICANO:
1966**

Declaração do Comité Nacional do Clero Negro¹

Há alguns dias, foi celebrado aqui, na Ilha da Liberdade, o octogésimo aniversário da Estátua da Liberdade. No dia 8 de novembro, um assim chamado "repuxo branco" confrontará o povo americano com uma escolha fatídica nas eleições em todo o território nacional. Nós, um grupo informal do clero negro, vindo dos quatro cantos do país, nos reunimos aqui hoje para pôr em foco os problemas morais críticos com os quais se confronta o povo americano nestas eleições — problemas simbolizados aqui na Estátua da Liberdade.

Nossa finalidade aqui não é nem pedir nem tomar emprestado, mas afirmar a determinação de negros da América de exigir desta nação nada menos que nossos plenos direitos de seres humanos. Não nos intimidaremos nem nos acovardaremos na terra que nos viu nascer. É nossa intenção que a verdade desta terra, como ela é vivenciada pelos negros, seja ouvida. Nós declaramos esta verdade da perspectiva da religião cristã e à luz de nossa experiência com o Senhor de todos nós, na desolação desta terra racialmente idólatra.

A inscrição que está dentro da Estátua da Liberdade, intitulada "O Novo Colosso", se refere à América como a "Mãe de Exilados". A inscrição termina com estas palavras comoventes:

"Guarda, ó terra veneranda, a tua pompa acumulada, exclama ela com lábios silenciosos. Dá-me as tuas massas cansadas, pobres, arrebanha-

1. Esta Declaração foi pronunciada no dia 3 de novembro de 1966, diante da Estátua da Liberdade, e foi publicada pela primeira vez in *New York Times*, 6 de novembro de 1966.

das em tropel, que desejam ansiosamente respirar em liberdade. Os des-ditados rejeitam o teu litoral fértil.

Envia-me estes desabrigados, batidos pela tempestade para mim. Eu elevo a minha lâmpada diante da Porta de Ouro!"

Este poema focaliza os problemas interligados de identidade e poder, os quais foram tão tragicamente representados no palco da história desta nação. "Mãe de Exilados" e "O Novo Colosso" — estes símbolos abrangem tanto a grande variedade de grupos, quanto a experiência da qual esta nação foi forjada e a firme esperança de muitos americanos primitivos de que nesta terra o mundo visse um novo e mais humano uso do poder, convictos que estavam de que todos os homens foram criados iguais.

Queremos lembrar aos americanos que em nossos começos todos nós éramos exilados, estrangeiros, residindo temporariamente numa terra que não nos era familiar. Mesmo os primeiros negros que pisaram estas plagas, vieram, como a maioria dos brancos, como peregrinos, não como escravos. Compartilhando das mesmas aspirações e esperanças comuns, para uma terra em que a liberdade criasse raízes e vivesse, durante pouquíssimos momentos, negros e brancos se acharam mutuamente numa comunidade de confiança e mútua aceitação.

Entretanto, se a América se tornou a "Mãe dos Exilados" para os brancos, ela se tornou ao mesmo tempo um sistema cruel de servidão e desumanidade para os negros. Longe de encontrarem aqui uma aceitação maternal, seus filhos negros foram lançados no abismo do desespero a ponto de, algumas vezes, se acharem tão desamparados que brotou de seus lábios o canto de tristeza: "Às vezes eu me sinto como um filho sem mãe". Que angústia é mais acerba, que rejeição é mais completa, que alienação é mais pungente do que esta experiência que deu origem à metáfora "filho órfão de mãe"?

Mas isso é apenas parte de nossa história. Com efeito, em alguma parte, no profundo de sua experiência dentro desta grande terra, aqueles mesmos negros, de ambos os sexos, encontraram uma terra firme de fé e de esperança na qual se apoiar. Não aceitando jamais dentro a identidade que lhe foi imposta à força por um poder branco brutalizador, eles também cantaram — "Antes de ser escravo, me sepultarão em um túmulo para que eu vá para o meu Senhor e seja livre". Uma fé de tal qualidade e integridade mantém-se viva ainda hoje.

Existe com toda a certeza um dilema de "crise e compromisso" em nosso país. Mas não são as disputas entre os líderes de direitos civis, nem é o debate sobre o Poder Negro, nem a controvérsia a respeito dos distúrbios de nossas cidades. A crise é o que já houve logo depois que os primeiros americanos pisaram nestas terras. Não é crise que tem

suas raízes na comunidade negra. É "crise de compromisso" entre os americanos brancos que têm consistentemente dado dois passos para a frente no sentido de se tornarem homens maduros a respeito do problema de raça, e ao mesmo tempo, um passo e meio para trás. O poder do "Novo Colosso" nunca foi plenamente empregado para eliminar este monstruoso racismo da vida do povo americano.

Consideremos a relação dos passos miúdos e instáveis para a frente e os passos covardes que se afastam da meta da justiça racial. Os escravos foram libertos em 1863, mas a nação se recusou a dar-lhes terras para dar sentido à sua emancipação. Simultaneamente, a nação estava distribuindo milhões de acres no Centro-Oeste e no Oeste — dádiva destinada "somente para os brancos". Deste modo concedia-se uma base econômica para os novos camponeses vindos da Europa, porém aos mais antigos camponeses da América concedia-se somente uma liberdade abstrata. Nas palavras de Frederick Douglas, a emancipação tornou os escravos "livres para a fome, livres para o inverno e para as chuvas do céu... livres sem um teto para os cobrir, sem pão para comer, sem terra para cultivar... Nós lhes demos liberdade e fome ao mesmo tempo. O que espanta é que eles ainda estejam vivos".

Não deveríamos, por conseguinte, nem ficar chocados nem surpresos que nossos bairros pobres nos apresentem hoje os frutos amargos daquele antigo roubo. É, por acaso, concebível que o grito lancinante "Arde, Criança, Arde" em Watts, Los Angeles, e em todo o país, pudesse jamais ser inventado por homens com chances razoáveis de ganhar a própria subsistência, para viver local decente, e dar uma educação conveniente a seus filhos? É concebível que homens com razoáveis perspectivas para o futuro, para a liberdade e para a aquisição da felicidade para si e para seus filhos, pusessem fogo às ruas principais de suas cidades? A resposta é óbvia. Estes atos são atos de homens, mulheres e crianças angustiados e desesperados que aprenderam a odiar a si mesmos e que foram arrebanhados e confinados como gado nos bairros infestados de ratos.

Realmente Frederick Douglas está certo quando sugere que "o que espanta é que eles ainda estejam vivos", para não dizer em plena saúde mental. Olhemos para as estatísticas. Achamos que aprovar uma Lei dos Direitos Civis, como fez a nação em 1875 e depois recusar-se a pô-la em prática; aprovar outra Lei dos Direitos Civis (desta vez menos rigorosa) em 1964, e depois recusar-se a pô-la em prática; começar um programa antipobreza com fundos insuficientes em primeiro lugar e depois pôr a parte do leão deste minúsculo orçamento em Programas Prioritários, quando o desemprego entre os negros continua a subir como um foguete; declarar a segregação em nossas escolas inconstitucional como fez o Supremo Tribunal em 1954, e recusar-se a

acabar com ela imediatamente; estabelecer normas para abolir a segregação racial em hospitais e depois recusar-se a destinar verba para pôr em prática estas normas; insistir na legislação dos direitos civis para o Sul e depois derrotar a primeira manifestação de tal legislação referente a áreas fora do Sul; incutir a "lei e a ordem" nos angustiados bairros negros em vista das contribuições dos policiais para aumentar essa angústia e depois insistir que os policiais sejam seus próprios juizes; ouvir os políticos suburbanos invectivar contra a ocupação aberta, agora e logo depois insistir que não são racistas: são ironias por demais evidentes e que tornam completamente impossível que falemos de termos feito algum "progresso". A realidade dos fatos é que aos negros americanos não são concedidos os direitos humanos básicos e constitucionais, os quais os americanos brancos ganham imediatamente quando são constituídos cidadãos. Então, não existem realmente conquistas duradouras sobre as quais falar.

Por isso é que não nos intimidaremos diante do assim chamado "repuxo branco", porque a América branca vem "repuxando" os direitos humanos fundamentais e constitucionais, desde o século XVIII. A eleição dos racistas em novembro será apenas a continuação deste estado de coisas.

Mas sejamos claros a respeito de uma coisa, a América. Os negros americanos estão determinados a gozar de seus plenos direitos humanos e constitucionais. Não deixaremos de defender estes direitos por todos os meios de que dispõem homens de fé e de dignidade até que seja feita justiça.

Estamos tratando, no fundo, de uma questão de relacionamento entre negros e brancos, entre ricos e pobres, em última análise, entre pessoas que acreditam em deuses diferentes. Apoiamos todos os líderes de nossos direitos civis porque cremos que todos eles têm importantes luzes para nos comunicar sobre esta questão crítica. De nossa parte, queremos chamar a atenção para o fato de que nossa finalidade básica nesta luta é tornar possível para todas as pessoas e grupos participarem do poder em todos os níveis de nossa sociedade. A integração não é meta estética destinada a adicionar matizes de cor a instituições controladas inteiramente por brancos. A integração é meta política com o objetivo de tornar possível aos negros e aos outros americanos expressarem a vitalidade da sua vida pessoal e grupai em instituições que fundamentalmente pertencem a todos os americanos.

Se o tremendo poder desta nação — este "Novo Colosso" — começa a se movimentar "com passos conquistadores de uma nação a outra", então é provável que esqueçamos os pobres, os cansados, as "massas amontoadas que desejam ansiosamente ser livres". A Améri-

ca é rica e poderosa. Mas a América não é nem infinitamente rica nem onipotente. Até a América deve fazer opções.

Nós advertimos que a resolução desta crise que nos esmaga exige mudança nas prioridades deste país. O bem-estar e a dignidade de todos os americanos são mais importantes que as prioridades de expansão militar, exploração espacial ou produção de jatos supersônicos.

Para esta finalidade, nós da Igreja Negra convocamos uma mobilização maciça dos recursos da comunidade negra para liderar no cumprimento não só de nosso próprio destino, mas para ajudar a fazer surgir uma América branca mais sensata.

Convocamos também o clero branco para se juntar a nós no esforço comum para mobilizarmos os recursos da comunidade branca para levar conosco avante a tarefa que temos entre as mãos.

Finalmente, afirmamos ao povo americano, negros e brancos, que o relógio do tempo não volta.

A América não pode ser América elegendo candidatos do "repuxo branco" nas eleições de novembro.

Afirmamos novamente: a América encontra-se numa encruzilhada. Ou nos tornamos a democracia que podemos ser, ou enveredaremos pelo caminho da autodestruição.

O PODER NEGRO E O CRISTO AMERICANO

*Vincent Harding*¹

O clima entre muitos cristãos orientados para a ação social hoje sugere que é somente uma linha muito fina, tão fina como uma lâmina de barbear que divide as aspirações sentimentais das atividades dos direitos civis do passado das recriminações rancorosas atuais contra o "Poder Negro". Como acontece frequentemente com recordações, a nostalgia pode originar-se mais de senso de frustração e impotência do que de qualquer apreciação verdadeira da significação do passado. Esta é, pelo menos, a impressão que se tem destas reuniões que parecem intermináveis de velhos "fiéis verdadeiros", as quais geralmente produzem não só nostalgia, mas também recriminações. Geralmente o elenco de personagens de tais reuniões consta de negros e brancos bem-vestidos, bem-alimentados, cujas vozes quase que se misturam numa só voz, quando eles recordam os dias "em que nós todos juntos combatíamos pela mesma causa". As estórias evocam novamente a atmosfera violenta, misturada de afetação e auto-sacrifício, que nos cercava naqueles tempos heróicos, quando a não-violência era nosso lema e a integração nossa cidade celeste. Quase que se podem ouvir as melodias de "nosso canto", quando homens e mulheres se lembram como eles caminhavam solenemente pelas naves ou em redor dos restos carbonizados de uma igreja ou nas prisões imundas do Sul. Naqueles dias, Martin Luther King era o verdadeiro profeta e nós estávamos certos de que o movimento dos direitos civis era mensagem de Deus às igrejas — e parte de nossa auto-satisfação nascia do fato de nós conhecê-la enquanto todo o resto do povo insensível de Deus estava dormindo.

1. Vincent Harding foi o primeiro Diretor do Instituto do Mundo Negro, Atlanta, Georgia, e continua como Presidente da Diretoria do Instituto. Lecionou no Spelman College, Temple University, e na Universidade de Pennsylvania. Este artigo apareceu pela primeira vez no *Christian Century*, 4 de janeiro de 1967.

Um véu entre então e agora

Mas enquanto as lembranças continuam, parece que desce um véu entre então e agora. Os contadores de estórias antigas denominam o véu Poder Negro, e pronunciam maldições rituais contra Stokely Car-michael e Floyd McKissik e seus seguidores.

O problema com estas reuniões é que elas estão realmente se tornando rituais, atos de culto de memória que nos cegam para possibilidades criativas. Porque este "véu" pode ser um muro, não primariamente para separar, mas para se escrever nele — de ambos os lados. Ou pode ser um grande lençol "descido do céu". Ou uma cortina antes de começar o ato seguinte. A maioria de nós parece totalmente incapaz de pensar que pode haver mais luz na escuridão da que já tenhamos começado a vislumbrar.

Tais possibilidades deverão ser ponderadas especialmente por aqueles de nós que combinam os terríveis privilégios da cor negra e o compromisso cristão dentro da única vida. Somos levados a ver não somente o que estava acontecendo em nossos dias quentes e elegantes de nossa luta comum de negro e branco, mas a captar claramente o que se está passando agora. Não temos opção a não ser a de tomar o Poder Negro em nossos braços negros e examiná-lo, convencidos de que Cristo é também Senhor deste Poder Negro. Quem quer que seja negro e afirme que é parte da companhia do povo de Cristo, seria infiel se deixasse de fazer tal exame e deixasse de proclamar com temor e tremor e sinais de grande alegria o que ele descobriu.

Talvez a primeira e central descoberta seja também a mais óbvia:

Há um forte vínculo causativo entre o Poder Negro e o Cristianismo americano. Com efeito, pode-se dizer com confiança que, qualquer que sejam suas outras fontes, a ideologia do negro certamente procede da profunda ambivalência dos negros americanos diante do Cristo que encontramos aqui. Esta ambivalência não é nova. É nossa desde o começo. Pois encontramos pela primeira vez o Cristo americano nos navios de escravo. Ouvimos seu nome cantado em hinos de louvor, enquanto morríamos aos milhares, algemados em porões mal-cheirosos sob o convés trancados, no meio do terror, das doenças, de recordações tristes e saudades de nossas famílias e pátrias. Quando pulávamos do convés para as bocas dos tubarões, víamos seu nome gravado nos lados poderosos dos navios. Quando nossas mulheres eram raptadas para os camarotes, elas devem ter notado as Sagradas Escrituras nas prateleiras. Nossa apresentação a este Cristo não foi propícia. E os horrores continuaram no solo americano. Por isso é que ao longo da história deste país, muitos negros rejeitaram este Cristo. Aliás é um milagre que tantos o tivessem aceitado. Em dias passados, nosso des-

dém teve muitas vezes de ser sufocado e a nossa ira sombria e taciturna se tornou autodestrutora. Mas agora podemos levantar a nossa voz. Nossa ira não é mais silenciosa. Ela partiu para o palco público e exige ser vista e exige que lhe dêem atenção, que tratem com ela — um estado de coisas muito mais salutar para todos os interessados.

Se o Cristo americano e seus seguidores ajudaram realmente a moldar o movimento do Poder Negro, então não poderia ser que o Deus que muitos de nós insistem em manter vivo é não somente vivo, mas também justo? Ele não pode estar tentando abrir caminho e chegar até nós com pelo menos tanta urgência como nós uma vez sentimos nos velhos bons tempos de "Nós venceremos"? Talvez ele esteja escrevendo no muro, dizendo que nós, cristãos, negros e brancos, devemos escolher entre a morte com o Deus americano e a vida com o Servo sofredor de Deus. Quem ousa negar que Deus possa ter escolhido uma vez mais os sofredores negros para novo assalto contra a rígida armadura de indiferença com a qual estão vestidos tantos americanos?

Se é difícil acreditar nisto, talvez precisemos olhar mais de perto tanto para o Cristo americano, como para o movimento negro que ele ajudou a criar. Desde o começo, nós, os negros, o encontramos quase em toda a parte neste país. Este Cristo era representado em branco e rosa, louro e de olhos azuis — e não só nas igrejas dos brancos, mas até nas igrejas dos negros. Milhões de crianças negras gravaram a imagem deste falso Nazareno na sua memória. Os livros, as vitrinas, os quadros, os filmes, tudo confirmava a mesma mensagem — mensagem de vergonha. O Cristo nos envergonhava com a sua pigmentação, que obviamente não era a nossa. Ele nos condenava pela nossa cor negra, pêlos nossos narizes chatos, pelo nosso cabelo pixaim, pelo nosso poder, pelo nosso estranho poder de expressar nossas emoções cantando, gritando e dançando. Ele era tão calmo, tão delicado, tão branco. E assim, na medida do possível, muitos de nós tentávamos ser como ele.

Feliz por ser negro

Para uma ala crescente de jovens negros ativos tudo isto pertence ao passado. Eles lançam a sua declaração: Nenhum Cristo branco nos envergonhará novamente. Somos felizes de sermos negros. Alegramo-nos com a cor negra de nossa pele, festejamos a textura de nosso cabelo, exaltamos o ritmo e o vigor de nossas músicas, de nossos gritos e de nossas danças. Se o Cristo americano de vocês não se parece com o nosso, vocês sabem o que devem fazer com ele". Isso é o Poder Negro: repúdio da religião-cultura americana que ajudou a

criá-lo e a busca de realidade religiosa mais fiel à nossa própria experiência.

Estes jovens dizem à América: "Conhecemos o seu Cristo e sabemos qual é a sua atitude para com a África. Lembramo-nos como seus missionários brancos preveniam contra o paganismo e a ignorância da África, contra sua selvageria-e contra o nudismo do coração do jân-gal. Estamos cansados de tudo isso. Esta África que você ama e odeia, mas sobretudo teme — esta é a nossa pátria. Vimos você trocar suas bíblias pela nossa terra. Observamos você passar seus folhetos e levar o nosso ouro. Ouvimos você nos ensinar hinos para pegar nossos diamantes, e você ainda agora os controla. Se isto é o que o seu Cristo ensinou a você, ele é esperto, criança, ele é vivo, mas não é o nosso salvador! Temos orgulho de nossa pátria, de seu grande passado negro, passado que era cheio de maravilhas antes que nela penetrasse o seu açoite branco. Você pode ficar com o seu Cristo. Nós assumimos a nossa pátria". Isto é o Poder Negro: uma busca de raízes numa terra que nos negou tanto um passado como um futuro. E o Cristo americano que abençoou o desprezo não merece nada mais que o repúdio.

Os advogados do Poder Negro conhecem bem este Cristo. Eles vêem o seu povo correndo sem fôlego, amaldiçoando em silêncio, saindo com passo acelerado das cidades com o seu povo sofrendo. Eles vêem esta multidão branca fugindo do movimento asfíxiado dos negros saídos dos guetos, deixando atrás de si seus mausoléus de luxuosos vitrais. O próprio êxodo dos cristãos afastando-se dos lugares onde vivem os pobres e os que não têm nenhum poder foi uma das forças principais que deram origem ao Poder Negro.

Os que buscam o Poder Negro, vendo os mais pobres e miseráveis de sua raça, abandonados pelos cristãos brancos americanos, optaram por ficar com os abandonados nos próprios locais em que eles estão abandonados. Agora eles falam de Unidade Negra e os antigos edifícios cristãos estão cheios de negros, jovens e adultos, que estudam a história africana. Os novos líderes nos guetos lhes dizem: "Os brancos agora falam em juntar as forças, mas quem é que alguma vez quis juntar forças com vocês? Eles querem somente usar vocês — especialmente aqueles cristãos americanos brancos mentirosos. Eles amam vocês só teoricamente. Eles amam somente as suas encarnações da classe média. Mas eles têm medo de vocês — que são negros e pobres e estão cheios de raiva e de desespero. Eles falam de 'progresso' para os negros, mas não se referem a *vocês*".

Estes jovens, cujos nomes nós, velhos "crentes verdadeiros" repetimos em nossas ladainhas noturnas de ira frustrada, escutaram com a percepção nascida da alienação os cristãos brancos falar aos negros de "nosso povo e o povo de vocês, de nossas igrejas e das igrejas de

vocês, de nossas escolas e das escolas de vocês". E eles ouvem esta hipocrisia coroada com as seguintes palavras que saem de corações cristãos sangrando: "Naturalmente alguns dos membros de sua gente, os mais espirituais (e quietos), podem frequentar nossas igrejas e os mais ricos (e mais limpos) de sua gente podem entrar em nossas comunidades, e os filhos de vocês, os mais espertos, podem frequentar nossas escolas. Mas não se esqueçam nunca: esperamos que vocês entoem hinos regulares de gratidão pela nossa condescendência. Lembrem-se sempre de que o povo, as comunidades, as escolas e as igrejas, são ainda nossas e não de vocês". E não se esquecem de acrescentar: "Mas naturalmente todos nós amamos o mesmo Cristo".

Sensibilizados pela apreensão

A estas palavras os filhos irados de Malcoim X respondem aos brados com ferocidade: "Vão para o inferno, vocês e o Cristo de vocês! Se vocês não podem viver onde nós vivemos, se os filhos de vocês não podem crescer onde crescem os nossos, se vocês não podem sofrer o que nós sofremos, se vocês não podem aprender o que nós aprendemos, não queremos saber de vocês nem do Cristo de vocês. Se devemos ir para onde vocês estão para encontrar qualidade e vida, então esta nação não presta para nada e a integração não tem valor nenhum".

Então os dirigentes do Poder Negro dirigem-se para os que moram nos guetos e dizem a seus irmãos negros: "Vivamos a separação que os cristãos brancos nos impuseram. Encontremos juntos nossa própria dignidade e nosso próprio poder, de modo que um dia possamos levantar-nos e enfrentar até aqueles que nos rejeitaram, não pedindo mais pelo amor de Deus para que sejamos aceitos no seu mundo em decomposição, mas mostrando-lhes um mundo transformado, um mundo no qual moldamos o nosso próprio destino. Deveremos construir nossas próprias comunidades, nas quais os homens sejam realmente irmãos e o bem-estar seja patrimônio realmente comum. O Cristo americano é um Cristo de separação e de egoísmo e de competição implacável por um abismo sem fundo. Não queremos ter parte com ele".

Não nos enganemos. Estes evangelhos de um movimento novo não são surdos. Eles ouvem todas as palavras americanas. Eles escutam quando os bons cristãos perguntam: "Por que deveremos pagar impostos para sustentar esses parasitas, esses bêbados inveterados, essas prostitutas de cais? Nosso dinheiro não lhes pertence. Nosso dinheiro... nosso dinheiro...!" Sensibilizados por longos anos de apreensão, os negros precisam somente olhar no espelho para descobrir com quem esses "parasitas", esses "bêbados inveterados" e essas "prostitutas de cais" se parecem. Ao mesmo tempo eles ficam matutando por que os

mesmos cristãos brancos não cantam músicas tristes por causa da redução de impostos que favorece os investimentos da General Motors no "apartheid" da África do Sul, e por que não se queixam por causa do dinheiro dos impostos dado aos fazendeiros por não plantarem nada.

Humilhação, não mais!

Abre-se aquela revista americana da família, a *Saturday Evening Post*, e encontra-se um redator iluminado do Norte dizendo aos negros rebeldes que todos os brancos são mississippianos de coração. E acrescenta: "Faremos o que estiver ao nosso alcance, de maneira indiferente, para corrigir injustiças passadas. Podemos estender a (nossa) mão relutantemente e com condescendência, mas todo aquele que rejeitar esta mão rejeita seus melhores interesses". Para aqueles que vivem no domínio da Consciência Negra esta voz mal-humorada é a voz dos adeptos do Cristo americano. Da sua indignação angustiada os rebeldes negros respondem: "Rejeitamos sua mão vacilante, tingida de sangue e sua ajuda indiferente. Usaremos nossas próprias mãos negras e dedicaremos nossa vida à constituição do poder. Amaremos nossa própria gente. Levá-la-emos a nova justiça, baseada numa espécie de poder que a América respeita — não a não-violência nem o perdão, mas votos e dinheiro e a represália violenta. Não vamos pedir mais. Vocês não irão mais fixar nossos melhores interesses. Levem com vocês essa lengalenga de Mississippi e esse Cristo ciceroniano e vá tudo para o inferno!" Isso é o Poder Negro.

Como negros, eles penetraram profundamente na negritude americana. Eles não têm ilusões patrióticas sobre as intenções benevolentes da nação para com a gente não-branca oprimida em todo o mundo, independentemente da frequência com que invocam o nome e a compaixão da divindade. Com olhos purificados pelo sofrimento eles percebem a arrogância que existe sob esses protestos piedosos. O Cristo americano pilota o bombardeiro que se dirige a Hiroshima, abençoa os fuzileiros navais que partem para a longa série de invasões da América Latina e blasfema chamando a isso paz, quando a América destrói toda uma península asiática. E como negros, eles sabem de experiência própria que tais coisas podem acontecer porque esta nação, dirigida por um presbítero, está resolvida a impor a sua vontade ao mundo — custe o que custar. Quantas vezes os presbíteros vestidos de branco lideraram as turbas sedentas do sangue dos negros!

Os negros não se deixam enganar pelas vestes eclesiásticas de humildade. Eles escutam os arrogantes pastores brancos contando alto seus dólares, e os membros das igrejas e as organizações religiosas anun-

ciando presunçosamente o custo de suas novas igrejas modernas — túmulos vazios para Cristo. Eles ouvem as vozes: "Negros, ó negros, vocês devem ser humildes como Cristo! Vocês devem ser pacientes e saber suportar o sofrimento! Negros, não avancem tanto! Olhem para o que nós demos a vocês até agora". E as vozes diminuem de intensidade e se suavizam: "Negros, queridos negros, lembrem-se de que Nosso Senhor nos ensinou que devemos ser submissos e humildes". E em seguida, num leve sussurro: "Porque, ó negros, se vocês não fizerem assim, se não fizerem, nós esmagaremos vocês".

Por isso é que os advogados do Poder Negro sensatamente exclamam: "Vão para o inferno, vocês, sepulcros caiados, vocês, hipócritas! Tudo o que vocês querem é manietar nossa vontade e prolongar a nossa agonia, e vocês usam o Cristo branco de vocês para fazer isto". Dizem aos negros: "Não se arrastem, não se acovardem. Quer vocês sejam um por cento, quer 50 ou 100 por cento negros, vocês são homens e devem afirmar isto diante de todas as ameaças piedosas. Vocês devem proclamar que vocês são homens, exatamente como os cristãos brancos o fazem — com arrogância, com força e com poder. Mas a arrogância deve ser negra, e a força deve ser negra, e negra deve ser a cor de nosso poder".

Blasfemadores cristãos

Depois vem o mais lancinante dos momentos de verdade, quando vozes cristãs se levantam em hostilidade e medo, dirigindo seu coro missionário aos jovens do gueto destituídos de esperança: "Crianças negras, vocês que fazem tumulto, que gritam, que dão gargalhadas, vocês devem amar — como Cristo e o Doutor King. Crianças negras, por favor! joguem fora suas bombas incendiárias! A violência nunca resolveu nada. Vocês devem amar os inimigos de vocês — se eles são brancos e americanos e representam a lei e a ordem. Vocês devem amá-los pelas casas de vocês caindo aos pedaços e pela educação desvirtuada de vocês. Vocês devem amá-los pelos empregos não-existentes de vocês. Sobretudo, vocês devem amá-los pelas suas armas nas revoltas, pelos seus cassetetes, pelos seu ódio e pela sua pele branca, branca".

Seria bastante terrível se estas vozes morressem nesta nota desvi-rilizante. Mas elas continuam: "O mesmo se diga, crianças negras, se os inimigos foram devidamente classificados como tais pelos nossos líderes cristãos, e se eles são pobres e pardos e a uma distância de milhares de quilômetros, vocês devem odiá-los. Vocês devem gritar, e promover desordens e matá-los, crianças negras. Peguem as bombas incendiárias de vocês e os deixem bem carbonizados! Naturalmente, não temos empregos civis para vocês, mas temos armas e medalhas, e vo-

cês devem matar esses estranhas — mesmo se alguns deles se pareçam com a imagem refletida no poço negro com a noite das lágrimas de vocês".

Que é que uma nação pode esperar em resposta a palavras tão perversas? Ela descobre a verdade — muito mais do que merece. Com efeito, os negros respondem: "Hipócritas, brancos hipócritas, vocês só querem é salvar a pele de vocês e os tesouros que vocês acumularam da justa ira-inveja dos antigos escravos de vocês, dos servos presentes e das futuras vítimas. Em nome deste Cristo, vocês negam nosso passado, rebaixam nosso presente e não nos prometem nenhum futuro, a não ser de mercenários negros nos assaltos de vocês contra os pobres negros desesperados do mundo".

A ira deles exclama: "Não nos dêem um Cristo cor-de-rosa, de duas caras, que aconselha amor por vocês e morte violenta para as crianças do Vietnã. Não nos dêem salvador sedento de sangue, que condena rebeldes que atiram pedras e tijolos, e elogia os assassinos que lançam bombas rasantes. Esse Cristo cheira mal. Não queremos que os negros sigam os *seus* passos. Parem de forçar nossas pobres crianças negras a entrar para as legiões de vergonha de vocês. Não iremos".

Eles dizem: "Se temos que lutar, que seja nas ruas-onde fomos humilhados. Se temos de incendiar casas, que sejam as casas e as lojas dos exploradores. Se temos de matar, que sejam os cristãos brancos piedosos e bem-alimentados que guardam seus gramados e suas filhas, enquanto maquinam morte lenta para nós. Se temos de morrer, que seja por uma causa real, a causa da liberdade dos negros, como a entendem os próprios negros. E que todos os presbíteros brancos morram pelas causas que eles defendem". Isso é o Poder Negro — a resposta ao Cristo americano.

Palavras incríveis? Se algum cristão ousar chamá-las de blasfemas, lembre-se de que os que falaram não fizeram nenhuma alusão a Cristo ou a Deus. Somente nós, cristãos, — negros e brancos — o fazemos. Se o Deus justo Pai e Criador é realmente vivo, se Jesus de Nazaré era o seu Cristo, então nós, cristãos, somos blasfemos. Somos os únicos a tomar o seu nome em vão. Somos os únicos que seguimos o falso Cristo americano e no próprio ato em que o fazemos, declaramos a nossa traição ao Senhor ressuscitado.

Se deve haver julgamento, não é somente para Stokely Carmichael, mas para todos nós. Somos nós, cristãos, que transformamos o Cristo universal num mascote americano, um fantoche que abençoa todo ato de loucura dos americanos, desde o extermínio dos proprietários primeiros desta terra até o massacre dos vietnamitas no seu próprio solo — até, quem sabe, o bombardeio do continente chinês, em nome da paz.

Se deve haver julgamento, não é primariamente para o Comitê Estudantil de Coordenação da Não-violência, mas para aqueles que boicotaram o Cristo compassivo — o Jesus que compartilhou tudo o que tinha, até a própria vida, com os pobres — e o transformou numa pessoa maldosa, que só visa o lucro, individualista, pietista, que gira em torno de sua própria mesquinhez e inveja aos pobres seus orçamentos familiares humilhantes. Estes cristãos são aqueles que mataram Nosso Senhor e o sepultaram num lugar desconhecido.

Não escaparemos, a modo de nostalgia ou recriminação. Com efeito, se aquele que chamamos o Cristo é realmente o Servo sofredor de Deus e homem, que desculpas poderá haver para os que o transformaram num fantoche sem cruz, fugindo do sofrimento com sua cabeleira loura esvoaçando ao vento?

Se Deus está ainda vivo, não podemos gastar tempo lembrando-nos dos bons dias passados do movimento dos direitos civis, quando todo o mundo sabia as letras das músicas. O tempo de cantar pode ter passado. Pode ser que a América possa agora ser submetida a um profundo e condenatório julgamento por ter transformado aquele que veio salvar por amor todos os homens, num incendiário branco, de classe média, que veio queimar crianças e pôr fim às revoluções dos oprimidos.

Chance de redenção

Esta pode ser a mensagem de Deus à Igreja — através do Poder Negro. É mensagem para todos aqueles que proclamam amar o Senhor da Igreja. Lendo-se nas entrelinhas, nossas lágrimas por causa da morte do movimento dos direitos civis podem realmente ser lágrimas por causa da destruição de imagem que nós criamos ou a retirada de sinal no qual não mais prestamos atenção. Por isso, se choramos, não seja pelos pecados do Comitê Estudantil de Coordenação da Não-Violência e do Congresso de Igualdade Racial, mas pela nossa própria infidelidade e pela blasfêmia de nosso país. E comecemos a rezar para que nos seja concedida oportunidade de abandonarmos esses fantoches louros e passarmos para o lado do Senhor que proclamou que os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros.

Se esta mensagem puder libertar-nos da autopiedade e nostalgia, o poder da negritude pode ainda tornar-se o poder da luz e da ressurreição para todos nós. Não se disse que Deus escreve direito por linhas tortas? Não posso conceber nada mais maravilhoso e misterioso que o fato de a negritude de meu Povo cativo se tornar dom de luz para esta nação indigna — até fonte de esperança para um mundo que vive diariamente sob a ameaça do poder arrogante e sanguinário da América branca. Será isso esperar muito? Ou seja, é tarde para esperar? Descobriremos logo quão fundamentada estava a nossa esperança!

A IGREJA E A CRISE URBANA

*Declarações de grupos negros e brancos
Conselho Nacional da Conferência de Igrejas
sobre as tensões urbanas e da Igreja, Washington, D.C.
27-30 de setembro de 1967.*

PREÂMBULO

Mais de 100 pessoas de dezessete denominações se reuniram em Washington, D.C., sob os auspícios do Conselho Nacional de Igrejas, de 27 a 30 de setembro de 1967.

Reunimo-nos de todos os recantos do país, num clima de expectativa e medo, depois de um verão de angústia e revolta.

Reunimo-nos numa hora de intensa crise de nossa nação — crise de desconfiança e alienação entre negros e brancos, tanto dentro como fora das igrejas.

Reunimo-nos para debater-nos uma vez mais com o problema de nossa desordem e desobediência como cristãos e descobriremos os desígnios de Deus de renovação e reconciliação numa época de revolução mundial.

Reunimo-nos conscientes do contexto no qual deve realizar-se entre nós qualquer conversação expressiva a respeito da estratégia usada pela Igreja no tocante à justiça social. O contexto do Poder Negro — aquele estado de espírito e aquela estratégia da comunidade negra que estão transformando o movimento dos direitos civis num movimento para a identidade, auto-imagem e dignidade da gente negra através do poder legítimo nas arenas das tomadas de decisões políticas, sociais e económicas, nos Estados Unidos.

A questão central de nossas discussões foi "Quem somos realmente nós que procuramos em nosso meio-ambiente dar testemunho do Deus de justiça e reconciliação entre americanos brancos e negros?" Em outras palavras, fomos forçados em Washington a perguntarmos a nós mesmos: "O que é que estamos obrigados a encarar honestamente a

respeito de nós mesmos, a respeito do fato de sermos uns brancos e outros negros — antes de estarmos aptos a enfrentar o mundo juntos em nome de Jesus Cristo, no qual somos UM?"

Quando nos debatíamos com estas interrogações, que realmente dizem respeito à natureza existencial da Igreja nos Estados Unidos, vimo-nos face a face com nossas desilusões e pretensões. Descobrimos que, para descobrirmos a verdade sobre nós mesmos e sobre nossa situação, com tanto êxito acobertada por anos de hipocrisia e dissimulação, tínhamos de tomar uma decisão inaudita em conferências ecumênicas sob a égide do Conselho Nacional. Decidimos dividir a conferência num grupo branco e num grupo negro.

Embora continuássemos a nos reunir em sessões plenárias, foi nestes grupos separados que alguns de nós em Washington sentimos mais que nunca o escândalo de nossa separação em dois mundos e em duas igrejas na América. Sentimos também o mais honesto e o mais intenso confronto que muitos de nós jamais conhecemos com a trágica realidade do racismo americano, com a pobreza de nossos espírito e de nossas confissões e finalmente com a necessidade de uma retirada estratégica para as áreas de nossa atuação antes de sairmos juntos a campo para dar combate ao inimigo comum num campo de batalha comum.

Destes dois grupos desta conferência saíram as duas declarações que reproduzimos abaixo. Elas não são nem posições definitivas nem conclusivas para o clero negro e para o clero branco. Na realidade elas marcam só o começo daquilo que alguns de nós acreditamos seja um novo e mais relevante diálogo a respeito do papel da Igreja na crise urbana. Elas também sugerem alguns dos temas e compromissos de que os que estávamos juntos em Washington desejamos estudar mais e planejar unidos e separadamente a participação na revolução racial.

Sem pretendermos ter dito nem a última palavra nem a palavra autorizada sobre o assunto, ousamos recomendar este documento ao clero para qualquer espécie de estudo ou complementação que ele, por consciência ou convicção, julgue dever fazer.

DECLARAÇÃO DO CLERO NEGRO

Nós, membros do clero negro, reunidos em grupo, sentimo-nos profundamente angustiados, perturbados e frustrados e em estado de extrema inquietação a respeito da natureza e da missão da Igreja numa época de revolução. Chegamos à conclusão de que o Poder Negro é a expressão da necessidade de uma Autenticidade Negra numa sociedade dominada pelos brancos, sociedade essa que desde os seus primórdios tem demonstrado autêntico racismo. Afirmamos sem medo

de repúdio a grande significação do fato de sermos negros e de nossa identidade como Clero Negro. Confessamos a nossa culpa, culpa muito nossa, de nossas ações passadas e de nossa omissão em sermos instrumentos da expressão da vontade de Deus, como Clero Negro. Por isso, propusemo-nos agora falar e agir, sentindo-nos envergonhados e culpados, com respeito à falta de reação da Igreja quanto às necessidades dos negros, que procuram ser livres e humanos num mundo de-sumanizado.

Igrejas brancas

Convidamos as igrejas brancas, neste ponto da história, a reconhecer que, apesar de muitas contribuições meritórias no passado, no sentido de lutar pela justiça social, chegamos a um ponto em que, as próprias estruturas, formas e prioridades estão sendo seriamente questionadas, particularmente pela Revolução do Poder Negro. A Justiça Racial não pode mais ser considerada apenas outra causa defendida por alguns, enquanto o resto da Igreja prescinde completamente dela. Além disso, ela não pode ser simplesmente uma causa ao lado de outras causas — a ser usada como recurso para justificar a existência da Igreja, mas deve ser a prioridade número um, como é o problema número um do país.

Por isso louvamos a ação tardia iniciada pela Diretoria Geral do Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos Estados Unidos na sua resolução "A crise dentro da nação", de 14 de setembro de 1967, na qual ela empenha dez por cento de seu fundo de capital irrestrito para desenvolvimento da comunidade negra e solicita a seus membros constituintes, entre outras coisas, que ponham seus recursos em disponibilidade para o desenvolvimento da comunidade negra. Afirma especificamente que "os fundos sejam empregados para a realização de programas nas comunidades do gueto, que são planejadas e dirigidas pelos representantes dessas comunidades para o máximo benefício das comunidades". Reconhecemos que isto é um passo inicial na direção certa e exige cumprimento imediato.

Solicitamos em seguida às igrejas brancas que considerem o seguinte:

1. Juntem-se conosco na afirmação da legitimidade do movimento do Poder Negro e que dêem ouvidos às palavras que Deus nos está dirigindo através dos problemas que o Poder Negro levanta.
2. Procurem nas suas situações angustiosas a liderança da Igreja Negra, reconhecendo as experiências nascidas da história da luta contra a exclusão e da opressão dos negros na Igreja e na Sociedade;

apoando as iniciativas provenientes destas experiências; procuran-

do a orientação, a colaboração e o apoio das igrejas negras na formulação e cumprimento das normas e programas da Igreja. 3. Proclamem uma moratória de três anos para o novo desenvolvimento suburbano da Igreja, e ponham em disponibilidade fundos desta obra para os ministérios nas comunidades negras e brancas.

Igrejas negras

Historicamente a Igreja Negra na América representou uma autêntica expressão do Poder Negro. Ele se originou da necessidade de a gente negra glorificar a Deus e afirmar a sua própria humanidade, para encontrar um senso de identidade, ter alguma coisa controlada pelo Poder Negro, formar uma instituição, cuja finalidade expressa seria exaltar, preservar e acentuar a integridade da negritude sob o domínio de Cristo, empenhar-se pelas necessidades dos negros e se responsabilizarem por elas diante deles. O passo histórico de separação da Igreja Branca foi exigência clara da formação do Poder Negro.

Todavia, confessamos que nestes últimos tempos não temos correspondido à nossa herança, porque não exaltamos, não preservamos, não acentuamos a integridade da negritude. Pelo contrário, caímos presa da dominação da Sociedade Branca e permitimos que a verdade, a importância e a autenticidade da Igreja Negra fossem desacreditadas pela nossa fácil aceitação de suas metas, de seus objetivos e de seus critérios para sucesso. Por isso, a Igreja Negra se tornou involuntariamente instrumento de nossa opressão, fornecendo meio fácil de escapar das duras realidades de nossa existência. Isto necessariamente faz que seja impossível para nós sermos instrumentos de libertação, o que é a nossa vocação como cristãos e particularmente, como cristãos negros.

Uma vez que, como Clero Negro, encontramos no nada invejável papel do opressor, estamos em perigo real de perder nossa existência e a nossa razão de ser, se é que já não as perdemos. Alegremo-nos com o Movimento do Poder Negro, o qual é não somente a esperança renovada dos negros, mas dá à Igreja Negra uma vez mais a sua razão de ser. Exortamos o Clero Negro em toda a parte do país a aderir ao Movimento do Poder Negro, a que se libertem das funções e metas eclesiásticas tradicionais que não satisfazem as necessidades da gente esmagada, oprimida e alienada.

Além disso, apelamos à Igreja Negra que se empenhe pelo seguinte:

1. Pelo estabelecimento de escolas particulares para compensar a degradação e a omissão de um sistema de escola pública dominado pelos brancos.
2. Por oficinas que fomentem a solidariedade da família negra.

3. Pelo treinamento de líderes negros no que se refere a organizações comunitárias e outras técnicas relevantes.
4. Pelo esforço maciço para apoiar financeiramente os grupos negros na busca da autodeterminação.
5. Pela remoção de todas as imagens que sugerem que Deus é branco.

Tendo falado à Igreja Negra e à Igreja Branca, falamos agora especificamente ao Clero Negro nas Igrejas Negras ou em Igrejas Não-negras.

No dia 26 de julho de 1966, um grupo de clérigos negros reuniu-se para formar um novo movimento na Cristandade Americana — o Comité Nacional do Clero Negro. A principal finalidade deste grupo era declarar que nesta conjuntura da história, sob o ímpeto do Movimento do Poder Negro, o Clero Negro precisava consolidar suas energias e recursos numa organização conscientemente negra com o fim de realçar a auto-imagem, a dignidade e a força da Comunidade Negra da América.

Apoiamos o Comité Nacional do Clero Negro. Exortamos os clérigos negros da Igreja Negra e os clérigos negros das Igrejas Não-negras a participarem desta organização. Solicitamos o apoio do Comité Nacional por parte, tanto das Igrejas Negras como das Igrejas Não-negras. Ademais, solicitamos ao Comité Nacional do Clero Negro que complete o processo de organização:

1. Pelo estabelecimento de sedes nacionais com secretariado pago.
2. Pelo estabelecimento de escritórios regionais através dos quais todo clérigo negro possa participar da renovação institucional e teológica da Religião Negra, possibilitando que ela dê sua única contribuição à Igreja universal livre do pernicioso racismo.
3. Pela autolibertação da política partidária interna e da trapaçaria eclesiástica.
4. Pela própria estruturação de tal modo a produzir a espécie de ímpeto revolucionário necessário para estes tempos cruciais.
5. Pela convocação de uma conferência de teólogos negros para considerar as implicações teológicas do Poder Negro.

Finalmente, fazemos um apelo aos clérigos negros que se acham em Igrejas Não-negras que procurem meios de exercerem um alto grau de influência nas estruturas destas igrejas ou voltem para a expressão negra da religião. Fazemos ainda outro apelo aos clérigos negros das Igrejas Negras que assegurem a Igreja Negra à expressão de sua razão original de ser.

DECLARAÇÃO DO CLERO NEGRO

O problema racial na América está centralizado na América branca. A Igreja branca é uma Igreja racista.

Não foi um negro americano que criou os guetos de nossas cidades doentes. A América branca foi que o escravizou.

O negro americano, em geral, não é proprietário dos guetos. Eles são propriedades dos brancos.

O negro não controla os guetos. Eles são controlados pelas estruturas imorais dos brancos.

Entretanto, os negros americanos transformarão os guetos. Os brancos devem procurar maneira de se transformarem a si mesmos, sob pena de constituirmos uma sociedade *apartheid*.

As pessoas que se reuniram neste grupo estão determinadas a transformar a sociedade branca. Sentimo-nos encorajados pela coragem do irmão negro americano que mostrou que ele criará uma nova sociedade negra na América. Por isso, quanto possível, caminharemos juntos no empenho de transformar a sociedade americana.

Quando não for possível trabalharmos juntos no presente, trabalharemos separadamente, conscientes ao mesmo tempo de que nosso trabalho separado com negros e brancos é nossa tarefa comum e trabalho em conjunto.

PODER NEGRO: OPORTUNIDADE RELIGIOSA

Nathan Wright, Jr.¹

Realização

O Poder Negro, em seus termos mais simples, toca a natureza da humanidade. O maior problema que se apresenta às Igrejas e a cada instituição em nosso mundo, é uma forma ou outra do problema humano. Qual é a finalidade do homem? A que finalidade deve dirigir-se qualquer aspecto da vida humana? A resposta dada pela corrida atual para o Poder Negro é uma só palavra — *realização*.

A gente negra da América quer realizar o seu potencial, para seu próprio bem e para maior enriquecimento das reservas comuns de todos os americanos. Tornar-se o que cada um deve ser exige a presença, a constituição, do poder. Há séculos, Aristóteles disse o que, desde então, se tornou a expressão mais clássica do destino humano. Ele declarou que o que uma coisa será, ela é, seja um cavalo ou um homem. O ingrediente não enunciado, que ele supôs, era a presença do poder. Todos os homens precisam do poder de *tornar-se, vir a ser*. Com efeito, as palavras gregas que significam poder (*bia*) e vida (*bios*) refletem a inter-relação essencial de poder e vida. O poder é básico para a vida. Sem poder, a vida não pode tornar-se o que ela deve ser.

Para dar a resposta devida ao problema humano, as instituições que se interessam pêlos últimos fins sociais, devem ser instituições que produzam poder. Devem produzir o poder ou se tornarem capazes de tal, facilitando o crescimento humano na autodireção para seu florescimento e realização. Ao contrário, qualquer força que cria dependên-

1. Nathan Wright, Jr. é membro da faculdade da Universidade Federal de Nova Iorque e sacerdote da Igreja episcopal. O presente texto está no seu livro *Black Power and Urban Unrest: Creative Possibilities*, Nova Iorque, Hawthorn Books, 1967, pp.

cia ou que limita o progresso autogerido para a maturidade e auto-suficiência, complica o problema humano. Ela desvirtua a condição humana e subverte a finalidade divina do crescimento humano.

Em termos religiosos, o Deus de poder, de majestade e força, que fez o homem à sua imagem e semelhança, deve querer que sua criação reflita, nas inter-relações da vida, seu poder, sua majestade e sua força. Surge o Poder Negro, para a cura da humanidade e para a renovação de compromisso com a finalidade religiosa de crescimento, querida pelo Criador, e para a necessidade, de há muito negligenciada, de poder, para que a vida seja o que na mente de seu Criador ela é destinada a ser.

Muito frequentemente na vida religiosa da América temos a tendência de colimarmos aquém das metas finais. Cortejamos o espoliador ilusório, separado, mas igual, do crescimento humano. Procuramos conscienciosamente fazer tudo o que podemos dentro das estruturas de classe e pseudocasta que impediram o cumprimento dos desígnios de Deus para a sua criação. Alimentamos os homens prodigamente, enquanto o sentido da finalidade divina do crescimento humano era para que ensinássemos os homens a se alimentarem a si mesmos e lhes déssemos sempre oportunidade razoável de autoprovisão. O poder é essencial à vida. Os homens podem matar e destruir indiferentemente por asfixia, por delicadeza de caso pensado, sem nenhum critério de julgamento ou por negligência. O empenho do Poder Negro aqui faz um apelo às igrejas — e a todas as instituições que se interessam pela condição humana — no sentido de empregarem um juízo crítico em todos os objetivos para facilitar o crescimento humano.

Devemos adorar a Deus — e servir os homens, nossos irmãos — não só com a nossa mente, mas também com nosso coração. A cabeça e o coração devem estar reunidos na tarefa religiosa. Sentir-se com sentimentos de amabilidade pode ser mortal, se a amabilidade não está radicada num juízo informado e moderado.

Portanto, as igrejas devem manter diante de si constantemente a finalidade do crescimento humano. Os programas e as normas das igrejas devem continuamente ser planejados e reexaminados, desta perspectiva. Será que o potencial humano está sendo frustrado no seu esforço de se tornar o que ele deve ser? De tal perspectiva ou deste ponto de referência, necessita-se de atitude muito mais criativa a ser tomada em muitas áreas da vida de nossas instituições religiosas. Não podemos mais efetivamente restringir as oportunidades de serviço por parte de um clero, cuja mente e coração são formados para a grandeza e serviço extensivo, mas cuja pele é mais escura do que poderia desejar uma cultura secular impregnada de racismo. Que metas devemos objetivar? Que deuses, para falarmos com mais clareza, que deuses de-

vemos adorar? Não somente devemos formular esta pergunta relacionada com a raça. Precisamos também levantar novas questões com referência à utilização de pessoas aposentadas, com referência ao emprego da mão-de-obra feminina, com referência aos devidos incentivos para uma administração cristã, e as características do serviço cristão em todo o mundo. O item "poder" possui deste modo a chave para abrir muitas portas.

Cada pároco deveria medir a produtividade de suas tarefas pelo relacionamento que eles têm com o auxílio do poder. Criei dependência? Ou facilitei crescimento autodirigido? Esta é a questão fundamental, uma vez que ela se relaciona com a condição humana de nossas famílias, com amigos e em todo o relacionamento pessoal ou coletivo na vida. É o problema contínuo de nossa vida cívica com referência às escolas. Depende da espécie de caridade com a qual enfrentamos a condição dos idosos. Toda vida aspira, ou deverá aspirar, ao crescimento e à realização plena. Deverá haver sempre facilidades para que ela tenda a seu fim específico.

É crucial ter ideia clara do papel do sofrer no esquema do crescimento. "Sem sofrimento não há progresso", é um dito de aplicabilidade universal. No centro da vida, afirma o cristão, está a cruz. Ela é "o emblema do sofrimento e da vergonha". Pode ser doloroso para nós permitir que outra pessoa sofra para se facilitar o seu crescimento. Porém, as mães de crianças pequenas, os professores de adolescentes e as pessoas que trabalham na área médica, sabem muito bem como o sofrimento é essencial para o crescimento humano. Devemos muitas vezes abrir mão de pequenos atos de gentileza para realizarmos atos maiores ou muito mais gentis. Devemos até muitas vezes renunciar — agressiva, benévola e decididamente — ao capricho dos costumes descorteses das comunidades e residências das quais fazemos parte, a não ser que "desprezemos o mandamento de Deus para observar a nossa tradição" (cf. Mc 7,9).

A vida aspira à realização plena. As igrejas da América — como elas estão atentas e sintonizadas com a necessidade de poder por parte de todos — devem voltar-se, por caminho que são marcas de regeneração religiosa, para a tarefa central e permanente da vida humana. Elas devem trabalhar, como Deus quereria, para que o fortalecimento da vida se torne o que ele deseja que seja.

Foco

O conceito do Poder Negro é surpreendente. Ele focaliza uma aparente incongruência, associando o poder com aqueles que nossa cultura nos condiciona a considerar impotentes. Poderia existir algo mais

ridículo do que uma criança que, naturalmente ainda não cresceu, como um ser poderoso? Seria como falar de preguiça operante ou contentamento descontente. É difícil para aqueles que estão condicionados pela nossa cultura americana impregnada de racismo aceitar a negritude e o poder numa mesma pessoa. Até muitos negros, que muitas vezes odeiam de morte seus compatriotas americanos quando repugnam a negritude, julgam impróprio juntar os termos "Poder" e "Negro".

Entretanto nossa vida religiosa deveria levar-nos a focalizar de maneira nova e criativa coisas que de outro modo não poderíamos ver nem entender. Nossa vida religiosa deveria levar-nos a ver toda a realidade à luz da Última Realidade. Neste sentido, aqueles que vivem na presença de Deus e devem "ver Deus face a face", deveriam inevitavelmente crescer na capacidade de ver a face de Deus, não além, mas em e através da face de todo homem. Não obstante, a nossa experiência americana mais comum é ver a intolerância racial crescer, à medida que cresce uma aparente religiosidade. Testemunhe a relação dos brancos no cinturão da Bíblia com os negros da área quase idêntica, chamada Cinturão Negro. Fundamentalismo e intolerância estão relacionados mais do que incidentalmente. Não se encontra prova de que os casamentos mistos entre os "cheios do espírito" aumentem. E o casamento é historicamente a mais natural de todas as formas de intercâmbio humano. Tampouco descobre-se empenho maior de plena realização humana e intercâmbio racial entre as comunidades monásticas ou conventuais. Há evidente mancha básica intrínseca em qualquer experiência religiosa que não pode desprender-se e superar limitação implacavelmente cultural.

A aparente incongruência de negritude e poder, diante da necessidade de todos os homens se apropriarem do poder para o crescimento humano, nos lembra que há necessidade vital de novo enfoque da vida humana. Uma possível chave para resolver nossa situação está no aspecto de glorificação da ênfase no Poder Negro. A negritude — que inclui por definição todas as sombras e aspectos da não-brancura — tem sido degradada em nossa cultura. A glorificação da negritude implícita na expressão Poder Negro é um esforço consciente ou inconsciente para se fazer um apelo a favor da dignidade daqueles que em nosso país são classificados de não-brancos. Essencialmente é uma clarificação. A significação radical do termo "glorificar" é clarificar, tornar claro e manifesto e declarado.

Toda a vida deve ser clarificada neste sentido. Ela deve ser dada e vista nesta dimensão que a mostra em termos de glória — agora e para sempre. Ver a vida como ela realmente é significa vê-la como Deus a vê, na sua dimensão eterna, na glória apropriada ao seu envolvimen-

to com a vida de Deus e nele. Não é outra maneira de olhar a finalidade de realização plena ver como meta de toda vida sua transfiguração, sua glorificação de acordo com aquilo que está na mente, na visão e na vontade do autor de sua criação?

Nosso culto religioso, por exemplo, deverá ser dirigido para esta finalidade. Ele deverá refletir a vida no seu sentido mais claro e mais puro. A vida da Igreja primitiva, a Igreja dos primeiros séculos, tendia a refletir este aspecto da finalidade religiosa muito mais do que a vida da Igreja de nossos dias. Devemos retomar o espírito da Igreja primitiva neste sentido. Podemos ver este aspecto de clarificação ou glória em diversas das principais características do culto da Igreja primitiva.

O culto da Igreja dos cristãos primitivos era de caráter familiar. Seu meio ambiente refletia esta qualidade de sua vida. A congregação nos momentos de culto religioso se reunia ao redor de uma mesa sobre a qual tomavam suas refeições. À cabeceira da mesa sentava-se o pai-de-família, como quem se senta no lugar de Cristo. Aqui ele presidia ao que muitos outros membros da família de Deus faziam num culto comunitário. Deste assento, à cabeceira da mesa, isto é, atrás dela e de frente para a família, o presidente, ou o sacerdote, ou o bispo, também ensinavam as lições da fé àqueles que faziam parte da família religiosa.

O culto religioso se realizava na atmosfera de uma reunião íntima familiar. Sentia-se em toda a Igreja uma unidade em Cristo, semelhante em espírito à histórica unidade familiar dos judeus, mas transcendendo e abrangendo os limites da linhagem física. Santo Agostinho deu a clássica expressão ao sentido da Igreja primitiva de ser uma família, modelando assim e amoldando toda a vida humana numa unidade que a Igreja realizou em Cristo. Escrevendo sobre a indesejabilidade de casamento entre parentes chegados ou consanguíneos, Santo Agostinho mostrou o sentido de relacionamento da Igreja primitiva, real ou potencial, com toda a vida humana. A Igreja sentia necessidade, nos termos mais profundamente humanos, de tornar o género humano uma família consanguínea, dentro do lar da fé. Santo Agostinho explicava:

"O primeiro casamento foi entre o homem feito do pó e sua companheira, saída de seu lado. Depois deste casamento, a continuação e o aumento do género humano exigiam nascimentos da união de homens e mulheres, mesmo sem haver outros seres humanos exceto os nascidos das duas primeiras pessoas. Por isso é que os homens tomaram suas irmãs como esposas. Mas, naturalmente, assim como isto é a melhor coisa a fazer quando a necessidade natural o impele, é também a pior coisa, quando a obrigação moral o condena. Pode-se provar isto da seguinte maneira. A lei humana é amor e esta lei é sumamente respeitada, quando os homens, que não só desejam, mas devem viver em harmonia, ligam-

se de tal modo a si mesmos por vínculos de relacionamento social que nenhum homem monopoliza mais que um relacionamento, e muitos diferentes relacionamentos são distribuídos o mais largamente possível, de modo a promover uma vida social comum do maior número.²

Santo Agostinho leva esta posição mais longe, afirmando que, quanto mais diversa for a população, tanto mais o fiel deverá escolher para casamento os que estiverem mais distantes dele, quanto à raça, ao clã, à província, à cultura ou à nação. Deste modo, os que pertencem à Igreja devem expressar a unidade da família humana em Cristo.

As instituições religiosas da América podem fazer uma reavaliação redentora — com o enfoque dado neste assunto pelo Poder Negro — da natureza inter-relacionada da vida humana. A suposição da espécie de unidade mantida pelos membros da Igreja primitiva inexistia completamente na Igreja de hoje. Nosso enfoque não é o enfoque dele. Entretanto a natureza familiar da vida cristã é consistente com a concepção que eles tinham da natureza e do destino da vida humana.

O culto religioso da Igreja antiga era marcado por uma estrutura hierárquica de relacionamentos. Havia papéis diferentes ou especializados a serem desempenhados. Mas o desempenho destes papéis era aberto a todos. Assim o Romano Pontífice na época da Paz de Constantino era descendente da África negra. O Papa Melquíades levou a Igreja em Roma através de seus últimos dias de ilegalidade ao período de seu reconhecimento legal final. Embora fosse aceita a escravidão, ela quase não trouxe mais conotação de inferioridade dentro da Igreja, ou fora dela, do que a cidadania estrangeira. As fileiras da Igreja eram abertas a todos e a dinâmica inerente da Igreja tendia a esvaziar a escravidão de seu baixo status. O enfoque sob o qual a Igreja via a vida era o enfoque sobre o qual a vida deve ser vista — e eternamente — e de acordo com este enfoque ele deve por isso ser vivido aqui e agora.

O culto da Igreja primitiva será caracterizado por uma profundidade de participação individual e coletiva por parte de muitos e de todos o que está faltando na Igreja de hoje. O pastor principal presidia ao que os outros faziam individual ou coletivamente. Ele era antes aquele que facilitava, que tornava possível, aquele que realizava uma espécie de estrelato. Todos os que desejam o crescimento de outros, até a plenitude do crescimento, devem ser capazes de realizar algo. Deverão ajudar os outros a crescer no poder autodiretivo de se tornarem o que deverão ser. Todos os que pertenciam à Igreja primitiva participavam do ministério que cuidava dos doentes e dos outros. Hoje devemos sem dúvida aprender na Igreja que mesmo os doentes podem ser ministros,

2. Santo Agostinho, *Cidade de Deus*, Livro XV, cap. 16.

curando-se a si próprios, enquanto estão empenhados em atos terapêuticos a favor dos outros. Também os idosos, ou talvez especialmente os idosos, têm mais tempo e mais maturidade para tarefas na Igreja e fora dela que exigem capacidade e outras qualificações de pessoas calmas e sábias. A ênfase do Poder Negro no maior uso possível de todo potencial humano para o maior bem de todos sugere para as igrejas recursos humanos inesgotáveis que estão no ponto de serem utilizados pela Igreja.

O culto da Igreja primitiva apresentava maior senso de clareza ou foco de luz mais intenso a respeito da natureza da vida da Igreja através do uso que ela fazia das Sagradas Escrituras. As lições do Antigo e Novo Testamentos eram lidas como uma história de família. As epístolas eram cartas íntimas da família, impregnadas dos sentimentos daqueles que estavam unidos pelos laços mais estreitos. As leituras do Antigo Testamento eram lições sobre a ciência da família, lembretes da herança familiar daqueles que eram espiritual, e assim essencialmente, os filhos de Abraão. As Escrituras refletiam, neste ambiente, a vida ou a herança em que já se tinha entrado, antes que o sistema de crenças com o qual se devia estar de acordo. As leituras das Escrituras eram experiências em ser. O conhecimento de Cristo não era tanto conhecimento de fatos como era o conhecimento de parentesco, como o conhecimento da própria mulher ou do próprio marido. Era a vida de um no outro, no sentido em que São Paulo fala da vida "em Cristo".

Finalmente, o culto da Igreja primitiva apresentava novo senso de luz ou esclarecimento, uma vez que seu ato essencial de ação de graças, ou sua Eucaristia, como ele era chamado, envolvia a transfiguração ou a elevação da vida para um plano em que ela se adaptava à finalidade de Deus. Utilizando os símbolos terrestres de pão, água e vinho, cada aspecto da vida era simbolicamente reunido com o seu Iniciador, Sustentador e Fim. A vida era glorificada. Na verdade, ela sempre era e é no nível do eterno, que era e é o verdadeiro. E assim a Igreja tinha simplesmente de fazer Eucaristia ou dar graças pela iluminação ou pela glória da vida, que é uma constante na mente, na experiência e aos olhos de Deus. O que *será* em plano eterno *é agora* para aqueles que, com agradecimentos pelas ações de Deus, penetram nas realidades que até então devem ainda ser reveladas. Pode-se dizer que os antigos sentiam que "Não aparece ainda o que seremos, mas quando Cristo, que é a nossa vida, aparecer, nós apareceremos com ele, em glória, porque nós o veremos como ele é".³ A mentalidade da Igreja primitiva foi bem expressa nas palavras de Tertuliano: "*Christianus alter Chris-*

3. Trata-se da justaposição de dois textos.

tus", o cristão é outro Cristo. Todo cristão era uma revelação de Cristo. Podem os cristãos denegrir ou restringir ou desfigurar a vida de Cristo nos seus irmãos negros e ainda serem chamados com o nome de cristãos?

Por uma implicação evidente, o conceito do Poder Negro pode tanto provocar como desafiar as igrejas da América a pelo menos focalizarem sua atenção nas realidades que elas são chamadas não só a ver, mas também a ser. A religião americana precisa ser regenerada. O Poder Negro, como conceito que enfatiza a necessidade de focalizar a própria vida e suas possibilidades, pode abrir novo caminho para a renovação da vida religiosa americana.⁴

Autoconceito

Nenhum programa de renovação por si mesmo levará a tendência recreativa na religião americana. As igrejas da América devem ter novo autoconceito e a firme determinação de realizá-lo. Vive-se um autoconceito sobretudo pelo próprio alinhamento com o poder. Isto é verdade tratando-se de crianças, quando a personalidade delas é estruturada através da dinâmica do poder do lar. Isto é verdade tratando-se de jovens à medida que são americanizados e incorporam algo da vida deste país na sua vida. Este é o modo como os adultos encontram identificação nas suas comunidades e em todos os campos de relacionamentos. Eles se identificam com o poder ou criam novos blocos de poder. É através das tensões e da coalescência do poder que as famílias são formadas e modeladas. O poder das mulheres e dos maridos na tensão criativa e na coalescência permite o crescimento do adulto e produz a atmosfera que determina o caráter único das famílias e, em última análise, em grande parte, o caráter da própria nação.

O clero e as igrejas da América não constituem exceção a esta regra. Elas se identificam com o poder existente e formam novas associações de poder. O poder é essencial para o ser e para o fazer institucional e profissional. A necessidade superevidente de novo tipo de base do poder da população negra da América levou logicamente à ânsia de poder coletivo daqueles que foram deserdados efetivamente pelo racismo americano. No esforço para atingir esta meta, as igrejas começaram a desempenhar papel único e vital. Potencialmente todas as igrejas da América têm muito a ganhar da ênfase atual dada ao Poder Negro.

Grande parte do clero negro viu no Poder Negro o meio de restaurar para si, e ao mesmo tempo, para as igrejas negras, novo senso

4. Para uma discussão completa do conceito emitido aqui, veja Nathan Wright, Jr. *One Bread, One Body*, Seabury Press, Nova Iorque, 1962.

de integridade e auto-respeito. Assim o Comité Nacional do Clero Negro assumiu papel de liderança em toda a nação, tanto promovendo os aspectos positivos do Poder Negro como fomentando o seu desenvolvimento extensivo em cada comunidade negra do país. Neste esforço foram animados e encorajados por um número crescente de clérigos brancos. Alguns destes participaram continuamente de análises ponderadas do papel social das igrejas na vida americana. Outros pertencem aos grupos daqueles que encontraram no tópico poder uma força inesperada de vitalidade potencial e de novo sentido, talvez como nunca antes na sua vida religiosa. Pensou-se também com grande insistência que o autoconceito não só do Clero Negro da América, mas também das igrejas em geral, era uma necessidade. Com efeito, o que muitos vêem como a crise atual da religião americana reflete a necessidade de novo senso de totalidade, de integridade e de finalidade comum por parte de todas as igrejas da América.⁵

Notamos como as igrejas podem beneficiar-se pastoralmente com as implicações do Poder Negro que reenfazem mecanismos de crescimento e finalidades. As igrejas têm pelo menos muito a ganhar no seu papel profético. É sempre bom ter senso de finalidade na vida. Mas se alguém sente sua afinidade com a finalidade cósmica, este caminha resolutamente e dá a seu espírito vigor que significa vibração e senso tranquilo de confiança e mando. Este tem sido o espírito de incontáveis clérigos, os quais através do levantamento recente do problema do poder têm novo senso de finalidade. Um clérigo branco disse que, embora não o tivesse admitido, ele tinha tido vontade de deixar o ministério até que sentiu um senso de despertar com os problemas levantados pelo Poder Negro. Explicou ele que a única maneira como podia realizar alguma coisa no seu ministério era alinhar-se com uma forma de poder ou outra existente entre os homens de negócio ou entre as matronas diretoras de empresas que tinham de há muito assumido e exercido uma espécie de trustee de propriedade sobre todos os aspectos da vida paroquial. Estes senhores e senhoras de empresas permitiam que ele pregasse o que quisesse, dentro de certos limites, e especialmente enquanto não fizesse esperar realização de noções proféticas. Ele estivera sempre bem provido, e não se lhe faziam grandes exigências. Mas ele se via cada dia mais como se estivesse numa prisão familiar, quanto a pessoa confinada numa espécie de empresa ilícita, onde a religião era usada, inconsciente talvez, mas não menos eficientemente para algo consideravelmente menos do que as finalidades de Deus.

O clérigo continuou a explicar que os problemas levantados pela focalização no Poder Negro tiveram o efeito de despertá-lo e fornecer-

5. Veja Dra. Ana Arnold Hedgeman, *The Trumpet Sounds*, Holt, Rinehart and Wins-ton. Nova Iorque, 1964.

lhe novo senso não somente de seu ser, mas também de sua vocação. Ele viu na ideia do Poder Negro e nas pessoas associadas com ele, nova fonte de sua força pessoal e nova estrada para importantes relacionamentos. Sentiu que agora podia falar à sua gente com novo senso de integridade sobre relações de raça, pois o Poder Negro não centralizava seu interesse no que é devido ao negro, mas naquilo que a população negra da América procura acrescentar em termos de enriquecimento da vida americana. Quem na sua paróquia podia opor-se a menores impostos resultantes de redução da alta taxa paga atualmente para fins sociais? Quem podia opor-se ao desenvolvimento, por parte de qualquer segmento ignorante da sociedade, de um auto-respeito impressionante que arranca a admiração e a confiança dos outros? Quem podia opor-se à determinação, por parte daqueles que representavam até aqui os recursos desprezados, a contribuir com suas ideias e serviços para o amplo confronto de problemas em nossa vida local, nacional e internacional? Ele percebeu e sentiu que sua congregação sentia o mesmo que ele, isto é, que Deus sabe que nesta conjuntura em nossa vida incorporada nós necessitamos da ajuda de todos. O Poder Negro era, a seu ver, um dom como a graça, para a vida americana. No seu ensinamento, pregação e obras pastorais, viu para si mesmo e para sua congregação novas possibilidades de autoconsciência nova e mais dinâmica.

Essencial para o funcionamento de qualquer instituição é o reconhecimento profundo e comum de sua própria natureza e finalidade. A literatura do testemunho cristão está cheia de prescrições do tipo "como-fazer" e "o que-foi-feito". Porém na maioria das vezes deixa-se de lado o reconhecimento de que somente do ponto de vista da autoconsciência — como a que o Poder Negro apresenta para os negros americanos — podem ser realizadas atividades autênticas, autogeridas e que produzem crescimento. À Igreja da América tem faltado autoconsciência. Ela não se tem visto nos mesmos termos vitais em que se via a Igreja primitiva. Esta se via como organismo vivo que expandia a vida de Deus no mundo. Vista como organismo, é claro que se sentia necessidade de promover crescimento consciente que tendia às realizações inerentes à sua vida. Pode-se reconhecer que somente por sua própria manutenção podem ser realizadas suas funções fora de sua vida. Se a Igreja não tiver genuína vida interior, não poderá ter autêntica vida exterior. Aqueles que são autoconscientes sabem muito bem que sua finalidade básica não é *ir a* algum lugar, mas simplesmente *ser o* que eles são potencialmente, em cada circunstância presente da vida e através delas.

O clérigo que procurava sentido novo de autoconsciência declarou finalmente que está certo de que não havia perspectivas mais emo-

cionantes diante dele do que ajudar seu povo a determinar novas formas de busca na comunidade negra.

Serviço

Como é que os jovens e adultos brancos podem realmente ajudar em projetos relacionados com a comunidade negra de maneira consentânea com o ímpeto em direção ao Poder Negro?

Para os que pertencem às igrejas, o reconhecimento mais imediato deve ser que qualquer projeto é mais uma expressão do ser de alguém do que de seu agir. Como isto é verdade em relação às igrejas, o é também em relação à América como um todo: levar a espécie de realização a toda a América à qual o Poder Negro se dirige deve ser visto como necessidade inerente ao próprio ser da nação e ao ser de cada cidadão em particular. A maior área de necessidade é a conversão de todo americano à ideia de levar a América em direção de seu destino pelo desenvolvimento e pela utilização do pleno potencial de cada um. Neste esforço, devemos começar onde estamos. Os americanos brancos encontrarão inevitavelmente em suas associações primárias atuais e em seus relacionamentos na comunidade branca, grandes oportunidades de conversão e engajamento. As melhores formas de mudança são sempre aquelas que começam entre nossas relações pessoais ou primárias de maneira imediata e discreta.

Na cultura americana é quase impossível que qualquer de nós escape de pressupostos e envoltórios racistas. Testemunhemos simplesmente o modo como são realizados os casamentos entre nós. Vemos claramente que no relacionamento humano básico que envolve o intercâmbio e a reciprocidade mais profunda, os americanos brancos não têm intenção de incluir não-brancos, aqueles que consideramos "alguma coisa mais". Não se pode provar que acontece a mesma coisa, com referência aos negros. Não são eles que fazem as leis, que definem os tabus ou os costumes da terra. Uma experiência de laboratório de dinâmica de grupo demonstrou a natureza do problema que enfrentamos. Uma componente do grupo, que compreendia mais ou menos oito negros e quatro brancos, afirmou que ela não tinha nenhum preconceito racial e gostava muito de negros. O depoimento de um membro de laboratório de treinamento em grupo é totalmente honesto, e neste espírito um treinador de grupo, branco, respondeu: "É interessante. Eu odeio os negros.." E depois de breve pausa, ele continuou a explicar: "Minha educação cultural é que me fez assim. Mas eu faço o possível para me controlar e superar esta atitude". A mulher que falou que não tinha nenhum preconceito racial entendeu imedia-

lamente a mensagem. A vida americana nos contagia a nós todos com todas as suas limitações. Devemos ser honestos conosco e estar de sobreaviso contra as maneiras sutis como a nossa educação — à luz da experiência histórica de nossa pátria — inevitavelmente tende a transformar-nos em pessoas diferentes das pessoas que seríamos segundo os nossos ideais. Antes de nos empenharmos em atividades em benefício de outros, devemos estar conscientes pelo menos da necessidade de termos ideias bem claras a este respeito. Deste modo, podemos despertar ou ainda estimular nosso próprio crescimento, e pela nossa abertura diante de nossas limitações, podemos minimizar a possibilidade de ofendermos indevidamente os outros.

Perto de casa, podemos ainda satisfazer as necessidades da comunidade negra, criando deliberadamente oportunidades para os negros trabalharem em nossas comunidades ou e se relacionarem com elas, de maneiras até aqui talvez jamais tentadas. Como funcionários de colégios, como clérigos, como profissionais em outras atividades, podemos perguntar-nos a nós mesmos se possibilidades como estas foram oferecidas equitativamente aos negros, nas cidades, grandes ou pequenas, em que moramos. Devemos corrigir sempre os desequilíbrios de uma cultura desequilibrada de maneira arbitrária e calculada, até que o próprio padrão cultural seja modificado. Além disso, podemos formular ainda outras perguntas. Os negros pertencem ao meu clube de campo, ao meu grupo de trabalho ou a outro grupo? E se não pertencem, por que será que não pertencem? De quantos modos sou beneficiário de oportunidades arbitrariamente negadas aos outros? Outra maneira de colocar esta pergunta é a seguinte: Como as possibilidades de crescimento que me são oferecidas limitam injustamente as possibilidades de crescimento dos outros? Será que inconscientemente eu diminuo a dignidade ou o valor de alguma vida humana?

Temos necessidade premente, enfatizada em toda esta discussão de Poder Negro e insatisfação urbana, de criar muitas formas de diálogo destinado a facilitar a continuação e o aceleração de mudanças em cada comunidade. Podemos satisfazer as necessidades da comunidade negra criando fóruns locais para os brancos, e estimulando os negros e os grupos mistos a fazerem o mesmo, para se discutir as infinitas implicações dos princípios de crescimento e plena realização. Podemos fazê-lo com referência à nossa vida profissional e em relação à nossa vida social, religiosa e cívica. Deste modo, podemos criar mecanismos para obtermos modificações mais amplas e contínuas em toda a vida de nossas comunidades. Deve-se salientar aqui uma vez mais que nossa confrontação com o problema do Poder Negro pode abrir para nós enfoques, de há muito exigidos, e indubitavelmente, exi-

gidos muito mais para o futuro, de muitos problemas, os quais, de outro modo, seria muito difícil focalizar.

Em toda instituição e comunidade da América, poder-se-ia com muito proveito ensinar dinâmica de laboratório de grupo. Aquele que ensina sempre cresce, em virtude de sua experiência de ensinar. A força de tudo o que se escreve nestas páginas está em que aqui — no problema do Poder Negro — pode haver uma espécie de oportunidade, única na vida, para a América e todas as suas instituições encararem com a maior tranquilidade e eficiência as crescentes necessidades e desafios apresentados por um mundo em transformação contínua.

Ao idealizarmos projetos de serviço para serem viabilizados na própria comunidade negra, devemos ter todo o cuidado de nos limitarmos a ser apenas canais. É frequentemente muito mais difícil recrutar, treinar e estimular outros a realizarem uma tarefa do que realizá-la nós mesmos. Entretanto, quando fazemos uma tarefa em lugar de outro, acontecem muitas coisas negativas. Quando nosso trabalho pára, não surge espontaneamente nenhuma organização para continuar nosso trabalho no ponto em que o deixamos. Além do mais, quando somente as nossas mãos é que se lançaram ao trabalho, os múltiplos recursos que nós poderíamos ter preparado para um trabalho auto-alimentador ou autodirigido não produzem seus múltiplos resultados. Deverá ser realizado um trabalho capaz de resultados positivos com aqueles que terão ou teriam a responsabilidade da continuação do trabalho. Assim, começamos e terminamos com pretensos adultos responsáveis. Maneiras eficientes de recrutar, estimular, treinar e inicialmente manter adultos em novas tarefas que eles deveriam assumir como rotina devem ser idealizadas e ensinadas a grande número daqueles que desejam servir como canais. Os jovens mais adultos e os plenamente adultos podem fazer isto. Eles podem compartilhar das visitas que fazem os habitantes de uma região de casa em casa ou em outros trabalhos discretos, alertando, informando e encorajando aqueles que necessitam de tal ajuda e apoio no esforço que fazem no sentido de conseguirem determinados fins comuns.

Os negros precisam ser assistidos no esforço que fazem para se organizarem. Há maneiras possíveis de podermos participar nesta espécie de esforço. A necessidade de uma organização desta natureza é urgente. A divisão em qualquer setor de uma comunidade resulta em detrimento de todos os seus membros. Em toda comunidade vítima da ignorância e do obscurantismo tal divisão pode ser muito cara. A comunidade negra — a que por tanto tempo é vítima desta ignorância e obscurantismo na América — não se constitui uma exceção a esta regra. A divisão na comunidade negra gera destruição pela qual devemos pagar. Devemos, portanto, escolher se vamos pagar esta dívida

em pequena escala como preventivo, ou pagá-la em larga escala, continuamente, em seus efeitos. Com referência à necessidade de organização da comunidade negra, o pranteado Dr. Adam Clayton Powell, escreveu:

"A raça estava completamente desorganizada quando da Proclamação da Emancipação. No fim da Guerra Civil, havia tantos grupos e facções quantas plantações feitas por escravos. Esses grupos eram não somente ensinados por seus senhores a desconfiarem uns dos outros e a se odiarem mutuamente, mas os membros de cada grupo eram também incitados a se denegrarem uns aos outros. Isto era necessário para manter a instituição da escravatura⁶"

Quando os outros que estão fora da comunidade negra vêem a necessidade de organização entre os negros, frequentemente são inclinados a ver exatamente o que o Dr. Powell escreveu e citamos acima. Mas a afirmação de Powell vai mais além e indica como a gente negra tinha sido organizada pelas igrejas negras e outras organizações. Estas organizações precisam, contudo, de se unirem para servirem às finalidades económicas e cívicas que podem ser conseguidas através da solidariedade e do auto-respeito da população negra. Organismos para tais fins não podem ser constituídos diretamente por ninguém a não ser pelos próprios negros. Neste sentido é que o Dr. Powell explicou:

"Não me refiro à Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor nem à Liga Nacional Urbana, organizações negras. Estas organizações são na maior parte mantidas pelos brancos e muito dominadas por eles! Os negros definitivamente devem pertencer a estas organizações, levando ainda maiores recursos a elas do que no passado. Ainda, sem a menor dúvida, a tarefa mais básica e contudo irrealiza-da consiste no fato de terem os negros de se organizar a si mesmos. Para tal eles devem começar por utilizar fontes substanciais fornecidas por outros, em termos de inteligência, dinheiro e tarefas comuns que absorvem tempo e se destinam a facilitar as coisas. A própria divisão dos negros ironicamente torna uma necessidade catalisadora inicial um apoio financeiro maciço e outras ajudas por parte da comunidade branca. Os ingredientes permanentes importantes são a liderança negra, a autodeterminação e a automanutenção financeira crescente da organização com vistas a promover o auto-respeito. A organização dá ao negro uma posição de poder equitativa a partir da qual ele poderá tratar com dignidade os que se encontram fora de sua própria comunidade. Toda a América se beneficiará com isto. O seu estímulo tangível é uma necessidade imediatamente vital em toda comunidade de nossa terra.

6. Adam Clayton Powell, *Upon This Rock*, Abyssinian Church, Nova Iorque, 1929, P. 107.

As igrejas da América começaram a incentivar tal organização entre os negros. Os princípios da Organização Comunitária para o Desenvolvimento, ou C.O.D., para a comunidade do nordeste de Nova Jérsei e para as comunidades de língua espanhola, precisam ser largamente disseminados e discutidos. Os brancos de grupos de todas as idades e de todos os níveis de influência podem participar de organização do tipo da Organização Comunitária para o Desenvolvimento em muitas formas de serviço destinadas a satisfazer as necessidades de cada um ou enfrentar uma situação, quando ela se apresentar.

Em qualquer tipo de serviço que as igrejas prestarem em relação à comunidade negra, as igrejas só poderão crescer se em primeiro lugar quiserem transformar-se a si mesmas. Os opressores não podem realmente ajudar os oprimidos em processos permanentes de crescimento. Nossa atitude de espírito pode transformar-se no sentido de abertura para serviço realmente criativo, somente se nós, em primeiro lugar, negarmos nossos privilégios por sermos brancos e na prática os rejeitarmos. Devemos transformar o relacionamento inter-racial em rua de mão dupla, facilitando a oportunidade daqueles a quem servimos — e de outros como eles — de terem acesso às mesmas vantagens e aos mesmos relacionamentos, como nós. De outro modo, trabalharemos em esquemas limitados e autodestruidores que frustram nossos fins nacionais, e nós, como clérigos negaremos as realidades básicas da vida interior da Igreja.

Possibilidades sagradas

O conceito de Poder Negro envolve diretamente franca exigência de dignidade e valor inerentes à gente negra. A vida tem realmente valor e este valor se realiza quando possui o poder de se tornar o que ele deve ser ou se apropria de tal poder. Poder como este é essencialmente religioso, e acena para aspecto negligenciado da vida religiosa nas igrejas da América.

O credo dos cristãos primitivos se referia a este item do poder. Ele simplesmente falava de Jesus como o Senhor. No contexto cultural no qual o credo foi proclamado, ele era afirmação e compromisso com Jesus como a corporificação divina e a expressão do poder. O poder como o sopro de Deus, de acordo com a história da criação narrada pelo Génesis, foi infundido na vida do homem. O homem recebeu, com este sopro, a semelhança potencial de seu Criador. Ele foi criado de modo a viver no tempo, como se vivesse na eternidade.

Tanto em termos simbólicos, como em termos literais, na experiência religiosa hebraico-cristã, tudo o que é tocado pelo poder de Deus é considerado sagrado. Ser sagrado significa ter dimensão eterna. Sig-

nifica refletir o poder de Deus ou cumprir as suas finalidades. Na proporção exata em que o Poder Negro afirma e difunde a verdade e os desígnios de Deus, nesta mesma proporção ele é possuído por natureza sagrada e eterna. É parcialmente assim sinal da presença do domínio de Deus. E é exatamente isto o que se quer dizer com o termo "o Reino de Deus".

Filosoficamente, a vida não se move para cima, para o fim do tempo. O tempo e a eternidade não são seqüências do tempo. A vida não melhora historicamente, à medida que o tempo avança. Há sempre conflito e nunca no sentido mais amplo existe a "paz duradoura!" O tempo e a eternidade são duas linhas horizontais, embora infinitamente desiguais, as quais se encontram demasiado próximas uma da outra para estarem em qualquer espécie de tensão. Sempre que o poder do eterno for apropriado e realizado na vida humana, nestes pontos precisos as linhas do tempo e da eternidade convergem e como que se tornam uma só. Assim o poder de Deus pode sempre ser apropriado. Podemos, em qualquer momento, entrar em nossa herança divina e eterna "em Cristo", aceitá-la e vivê-la. A vida no Reino, sob o domínio de Deus e em seu poder, é possibilidade imediata sempre presente. O sagrado é algo que em qualquer ponto no complexo tempo-eternidade participa do poder de Deus e é por ele possuído.

Em sentido religioso, então, a expressão da dignidade humana, como no termo Poder Negro, diz das possibilidades imediatamente presentes, quando alguém decide mergulhar sua vida com a finalidade e qualidade de vida vivida no nível do eterno. É neste sentido da presença do eterno que o apocalíptico do Antigo Testamento procurou adicionar-se ao sentido judicante da profecia. Assim muitas vezes nas igrejas nossas solitudes sociais irritam as pessoas, quando aqueles que ensinam os deveres que se devem ter para com os outros assumem ares de mensageiros da ira de Deus ou são vistos como tais. Não se tem o senso de que está sempre presente o poder de tornar as realidades imediatas desígnios sagrados.

O apocalíptico se caracteriza pelo envolvimento das coisas do eterno com as coisas do temporal. O tempo e a eternidade convergem. A experiência do profeta Elias de olhar para dentro do céu e ver as hostes do céu descenderem para resgatá-lo e a sua observação que "são mais numerosos os que estão conosco que os que estão com eles" (IRs 6,16) são um exemplo do apocalíptico. O aparecimento de seres angélicos ou celestiais na literatura do Génesis, a experiência de Daniel na cova dos leões, a passagem do mar Vermelho e o salvamento da fornalha de fogo — tudo em certo sentido são exemplos pelo menos do espírito do apocalíptico.

O apocalíptico vê em termos imediatos a justificação dos últimos planos, programas e finalidades de Deus. Sua arte ou graça é a capacidade de olhar com o olho da mente para dentro do céu e ver de perspectiva celeste o que podemos reconhecer como estar sendo atualiza-do em plano eterno. O que vai acontecer está, mesmo agora, em plano eterno.

O que o apocalíptico acrescenta ao sentido judicante da profecia é a dimensão não simplesmente de confiança da justificação última. Ele acrescenta, mais significativamente, a graça de procurar entrar *em termos imediatos* na experiência das realidades (ou finalidades) que ainda estão por vir. Ele nem torna a assim chamada "arte do possível" obsoleta, nem a redefine para incluir o que há de acontecer.

Uma visão profética admite — e torna aceitável — o soar das trombetas. O apocalíptico acrescenta o imperativo — e a graça — para reformular nosso próprio envolvimento nas atividades presentes como se o que há de acontecer fosse fato presente ou próximo. Aqueles que se preocupam com a dignidade humana ou com o aspecto do desígnio divino podem ver aqui como nós com confiança tranquila podemos corajosamente entrar em dimensões novas e sagradas da vida com o imediato, com a graça e com o poder. É neste espírito que os negros podem caminhar, mesmo agora, revelando cada dia algo do poder que vem da eternidade. Vendo isto, outros sem dúvida quererão apropriar-se deste mesmo poder e caminhar com eles... para sempre.

O conceito de Poder Negro se apresenta como oportunidade para as igrejas da América. De muitos modos, ele pode levantar questões e sugerir possibilidades de aceleração e de autoconsciência nas igrejas deste país. Isto poderia aproximar-se ao surgimento de gigante possuído de força divina, da qual ele não tinha consciência.